



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOANA RITA FERREIRA VEIGAS

EMRC e Literacia Religiosa
O papel da EMRC nos itinerários de aproximação dos
jovens à cultura do religioso.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Professor Doutor Alfredo Teixeira
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa
2020

Resumo

Este Relatório foi redigido na sequência da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no 7º ano da Escola Básica Damião de Góis, e procura analisar a evolução da prática letiva, bem como os métodos de ensino-aprendizagem utilizados. Dada a distância entre a realização da PES e a atualidade, apresentar-se-á, também, uma reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida após a PES, revelando a evolução dos métodos e dos instrumentos aplicados.

A reflexão sobre a PES tem por base a Unidade Letiva 2, «As Religiões», do 7º ano de escolaridade. No contacto com a turma, apurou-se que um grupo significativo de alunos não teve uma aproximação ao religioso e à sua linguagem. Esta constatação levou à investigação sobre o modo como se tem trabalhado e apresentado a experiência religiosa nas últimas décadas, verificando-se que há uma rutura geracional. Deste modo, a disciplina de EMRC tem a possibilidade de familiarizar os alunos com o fenómeno religioso, possibilitando um diálogo aberto, ajudando a compreender o que é a religião, qual o seu objetivo, qual o sentido para as suas vidas, bem como a perscrutar a diversidade religiosa, colaborando também na formação para a tolerância.

O Relatório da PES conclui com uma proposta de lecionação da Unidade Letiva 2, elaborada segundo o método da aprendizagem cooperativa, que coloca o aluno no centro das aprendizagens, sendo-lhe dadas orientações e instrumentos que visem a aquisição de conhecimentos de forma mais autónoma.

O objetivo do presente Relatório é refletir sobre como o religioso é trabalhado na disciplina de EMRC, observando também a transmissão da experiência da fé e o papel da família nesta questão.

Palavras-chave: EMRC, Escola, Jovens, Aprendizagem Cooperativa, Família, Religiões, Literacia do Religioso, Cultura do Religioso, Transmissão, Identificação.

Abstract

This report was written following the Supervised Teaching Practice (PES), held to the 7th year of the Basic School Damião de Góis, and seeks to analyze the evolution of the teaching practice, as well as the teaching-learning methods used. Because of the distance between the realization of the PES and the present day, it will also be present a reflection on the pedagogical practice developed after the PES, by showing the evolution of the methods and instruments applied.

The reflection on the PES is based on Teaching Unit 2, «As Religiões», of the 7th schooling year. By interacting with the class, it was concluded that a significant group of students did not get closer to the religious and its language. This conclusion led to an investigation of the method in which religious experience has been shaped and presented in recent decades, confirming that there is a generational rupture. In this way, the EMRC subject makes possible for the students to become familiar to the religious phenomenon, enabling an open dialogue, helping them to understand what religion is, its purpose, what is its meaning for their lives, as well as to be aware to religious diversity, also helping for the schooling for tolerance.

The PES Report ends with a teaching proposal for the Teaching Unit 2, prepared by the cooperative learning method, which places the student as the center of the learning process, providing for guidance and for the instruments aimed at acquiring knowledge more autonomously.

This report's purpose is to think over how the religious are shaped in the EMRC subject, also observing the impart of the experience of faith and the family role in this issue.

Keywords: EMRC, School, Youths, Cooperative Learning, Family, Religions, Religious Literacy, Religious Culture, Impart, Identification.

Índice

Índice	5
Introdução	7
Capítulo I. A Prática de Ensino Supervisionada: Um Itinerário de Crescimento.....	9
1. Experiência Docente no Contexto da Prática de Ensino Supervisionada.....	9
1.1. Caracterização do contexto escolar	9
1.2. Caracterização da turma	10
1.3. Aquisições para o desenvolvimento da prática de ensino.....	12
2. A Unidade Letiva «As Religiões».....	14
2.1. Análise crítica da unidade letiva «As religiões».....	14
2.2. A lecionação: planos, descrição dos anexos e relatórios	16
2.2.1. Exploração do sentido de se ser religioso	17
2.2.2. Exploração da função do religioso na vida pessoal e coletiva	21
2.2.3. Conhecer as religiões através dos símbolos	25
2.2.4. Conhecer a identidade e a história das religiões abraâmicas	28
2.2.5. Conhecer a história e as tradições do judaísmo.....	32
2.2.6. Exploração da história e dos costumes do cristianismo	38
2.2.7. Conhecer a história e os costumes do islão	41
2.2.8. Exploração da mensagem cristã através de textos bíblicos.....	44
2.2.9. Da religião para a vida pessoal e coletiva	48
2.2.10. Exploração do papel das religiões na construção da paz universal.....	51
3. Avaliação Global do Percorso Efetuado	54
4. Questões Emergentes, Desafios e Interações.....	56
Capítulo II. A Identidade Crente no Contexto das Novas Gerações: Uma Nova Paisagem Sociorreligiosa	58
1. Transmissão	58
1.1. Os contornos de uma mudança cultural	59
1.2. Transmissão ou opção?	63
1.3. Memória	64

2. Família	65
2.1. Dificuldades e ruturas.....	66
2.2. Propor o religioso	67
3. Modalidades de Identificação no Contexto das Gerações Mais Jovens	68
3.1. Processos de identificação religiosa.....	68
3.2. Perfis religiosos	69
3.3. Relação das gerações mais jovens com a Igreja Católica	71
3.4. Oportunidades de encontro entre Igreja e os jovens	75
Capítulo III. Proposta de Lecionação a Partir das Pedagogias Cooperativas	77
1. Aprendizagem Cooperativa	77
2. Proposta de Planificação da Unidade Letiva «As Religiões».....	79
2.1. Exploração do sentido e da função do religioso.....	80
2.2. Conhecer as religiões através dos símbolos e religiões orientais.....	83
2.3. Conhecer a história e as tradições do judaísmo.....	89
2.4. Conhecer a história e os costumes do islão	92
2.5. Exploração da história e dos costumes do cristianismo	95
2.6. Exploração da mensagem cristã através de textos bíblicos.....	98
2.7. Exploração do papel das religiões na construção da paz universal.....	101
Conclusão	104
Bibliografia.....	107

Introdução

O presente Relatório foi redigido na sequência da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada na Escola Básica Damião de Góis, integrada no Agrupamento de Escolas D. Dinis, em Lisboa. Esta decorreu no ano letivo 2014/2015.

Entre a PES e a atualidade, lecionei nos Salesianos de Lisboa e, no ano letivo 2019/2020, comecei a lecionar em simultâneo nos Salesianos de Manique, tendo a prática letiva incidido, sobretudo, em turmas do Ensino Secundário. Atendendo ao intervalo temporal decorrido entre a realização da PES e o Relatório, este contemplará não só a reflexão sobre a PES, mas também a prática pedagógica realizada posteriormente.

No capítulo um, «A Prática de Ensino Supervisionada: um itinerário de crescimento», far-se-á uma reflexão sobre a prática pedagógica no âmbito da PES, tendo em conta a Escola onde esta se realizou. Para uma reflexão e enquadramento do trabalho mais frutíferos, será caracterizada a Escola e a turma, considerando o contexto dos alunos. Posteriormente, apresenta-se o trabalho realizado, incluindo as planificações das aulas da Unidade Letiva 2 do 7º ano, «As Religiões», bem como os relatórios das mesmas, que refletem sobre o percurso desenvolvido com a turma, apresentando o que promoveu o sucesso dos alunos e o que precisa ser melhorado, tendo em conta a potencialização da aquisição das aprendizagens. Nesta parte, dada a distância entre a realização da PES e a atualidade, apresentar-se-á, também, uma reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida após a PES, revelando a evolução dos métodos e dos instrumentos aplicados.

O segundo capítulo, «A identidade crente no contexto das novas gerações: uma nova paisagem sociorreligiosa», centrar-se-á na questão da experiência religiosa e de fé. Apresentar-se-á uma reflexão sobre o que é, destacando-se a importância da família e da comunidade nesta tarefa. Dado que a transmissão da experiência religiosa e de fé tem vindo a adquirir novas formas nas últimas décadas, torna-se necessário analisar o modo como as gerações mais jovens a recebem, experienciam e vivem. Assim, nesta parte, tendo em conta as questões emergentes da PES, far-se-á uma caracterização sociológica sobre como decorrem atualmente os processos de transmissão da fé, refletindo-se sobre a necessidade de um contacto com a instrução religiosa, independentemente das opções das pessoas, isto é, se são ou não crentes ou se estão integradas ou não numa religião. Este capítulo tem uma natureza contextual, visando dar conta de alguns aspetos fundamentais, relativos à religiosidade contemporânea, contribuindo assim para um aprofundamento das condições que determinam os processos de transmissão crente e os processos de ensino e aprendizagem concernentes à cultura religiosa.

O terceiro e último capítulo, «Proposta de Lecionação a partir das Pedagogias Cooperativas», propõe uma planificação da Unidade Letiva 2 do 7º ano, «As Religiões», que foi trabalhada no âmbito da PES. Esta tem por base a aprendizagem cooperativa, um método que coloca o aluno no centro das aprendizagens, sendo-lhe dadas orientações e instrumentos que visem a aquisição das aprendizagens de forma mais autónoma. Nesta parte, para além da planificação, serão apresentados instrumentos que fomentam a aprendizagem da referida Unidade Letiva.

O Relatório que se segue, tendo como ponto de partida a lecionação da Unidade Letiva 2 do 7º ano, tem como objetivo refletir sobre como o religioso é trabalhado na disciplina de EMRC, observando também a transmissão da fé e o papel da família nesta questão.

Capítulo I. A Prática de Ensino Supervisionada: Um Itinerário de Crescimento

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorreu na Escola Básica Damião de Góis, pertencente ao Agrupamento de Escolas D. Dinis, situado na cidade de Lisboa. Ao longo de um ano letivo, em conjunto com uma colega do Mestrado em Ciências Religiosas – Especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, lecionamos em duas turmas do sétimo ano, que frequentavam a disciplina em conjunto.

No decorrer da PES, estipulou-se que cada uma lecionaria duas das unidades letivas, que constituem o sétimo ano de escolaridade da disciplina, tendo-me sido atribuídas a unidade letiva 2, «As Religiões» e a unidade letiva 4, «A Paz Universal».

O que se apresenta no presente capítulo visa apresentar como decorreu a PES, onde se contempla a experiência da lecionação e a receção da turma ao tema da unidade letiva 2, «As Religiões», bem como as aprendizagens resultantes no que diz respeito à lecionação.

1. Experiência Docente no Contexto da Prática de Ensino Supervisionada

Ao longo da PES, fui realizando um percurso de crescimento enquanto professora, mas também enquanto pessoa. Apesar de alguma experiência, a aproximação metódica e sistematizada a diversos aspetos da prática de ensino facilitou a abertura de outros horizontes de trabalho.

1.1. Caracterização do contexto escolar

A Escola Básica Damião de Góis, em Lisboa, onde decorreu o PES, apresenta um contexto escolar que revela diversas fragilidades por parte dos alunos, sendo visíveis dificuldades sociais, económicas e educacionais. A escola situa-se em Chelas, no Bairro dos Lóios, sendo constituída principalmente por alunos portugueses e alunos descendentes da cultura africana – sendo que muitos deles nasceram já em Portugal.

Os alunos desta escola apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, bem como um débil conhecimento de cultura geral. No decorrer da PES, foi possível

compreender que os alunos executavam as suas obrigações um pouco ao seu ritmo, verificando-se um atraso sistemático ao primeiro tempo letivo de aulas.

Apesar de, dentro do espaço escolar, todos os alunos terem acesso às mesmas possibilidades, verificou-se que, no que à aquisição do material escolar diz respeito, o mesmo não se aplicava. Constatou-se que as famílias dos alunos não tinham grandes posses, vivendo, inclusivamente, muitas delas no limiar da pobreza, e isso refletiu-se na aquisição do material da aula, em que alguns não possuíam o manual da disciplina. Era notável que os alunos residiam num contexto social difícil, devido também à reputação do local, revelando atitudes e formas de pensar e de estar próprias do contexto. Conjuntamente, destacaram-se as dificuldades ao nível educacional, pois muitos dos alunos, inicialmente, revelavam um esforço mínimo na realização das tarefas escolares propostas.

Perante o contexto escolar apresentado, é importante referir o lugar que os professores ocupam. O professor deve ser aquele que incentiva e que exige dos alunos, com o objetivo de os ajudar a alcançar metas, que talvez não imaginassem que poderiam alcançar.

Após esta breve apresentação do contexto da escola, é importante referir como se viveu o desenvolvimento por parte dos alunos em sala de aula.

1.2. Caraterização da turma

As turmas da PES do ano letivo 2014/2015 eram o 7ºA e o 7ºB, tendo sido fundidas na disciplina de EMRC, totalizando 26 alunos. Nestas turmas, havia diversidade cultural, que facilitava o diálogo sobre a tolerância e a necessidade de viver e conviver na diversidade, uma vez que essa era a realidade dos alunos.

Iremos verificar de seguida que, ao longo do ano letivo, a postura da turma se foi alterando, aproximando-se dos objetivos propostos em cada aula.

No início do ano letivo, em sala de aula, os alunos revelavam-se um pouco agitados, com falta de algum rigor e empenho na realização das tarefas, bem como alguma falta de atenção. No entanto, apesar de, por vezes, não se conseguir chegar a todos, o ano letivo foi uma viagem para eles.

Os alunos chegavam sistematicamente atrasados. No entanto, com o passar do tempo, foram chegando com maior pontualidade, alguns esperavam com os professores junto à entrada do pavilhão para a aula, onde desde logo era possível estabelecer o diálogo e sentir o entusiasmo de ir para a aula de EMRC, pois já questionavam o que iriam

aprender naquele dia. Felizmente, o cumprimento dos horários foi melhorando e, ainda no primeiro período, foi possível iniciar a aula com a grande maioria dos alunos de ambas as turmas.

Já no contexto de aula, os discentes foram aprendendo a saber estar em conformidade com a dinâmica da disciplina, devido ao envolvimento que eram chamados a ter. Havia um grupo de alunos que participava regularmente na síntese da aula anterior. Para além de revelarem os conhecimentos adquiridos, mostravam-se ativos e envolvidos desde o início nas atividades programadas.

Ao longo do ano, as aulas procuraram realizar a maior interação possível, entre docente e alunos, tentando recorrer aos conhecimentos destes sobre os temas, e fazendo-os refletir sobre as questões que lhes eram colocadas. Esta estratégia possibilitou que os alunos tivessem uma presença constante e ativa, realizando-se, assim, aulas centradas neles. A destacar o facto de algumas aulas, devido aos conteúdos apresentados; foram mais expositivas, já que os alunos desconheciam os temas abordados.

Centro-me agora no que, a meu ver, serviu de estímulo positivo aos alunos. O facto de saberem que no final da aula tinham uma ficha para testar as suas aprendizagens, julgo que os incentivava a estar mais atentos, pois na aula seguinte queriam comparar os seus resultados com os dos colegas. A realização das fichas sucedeu maioritariamente a pares, colocando sistematicamente a aprendizagem cooperativa em prática. Quando foi possível, antes da ficha ser recolhida, realizou-se a correção, questionando os alunos sobre que resposta haviam dado a cada pergunta, verificando-se, assim, se as aprendizagens tinham ficado adquiridas ou se era necessária alguma explicação.

A utilização de apresentações digitais e de pequenos vídeos também captou a atenção dos alunos, auxiliando-os na compreensão das aprendizagens.

Pelas estratégias apresentadas, pode referir-se que a aproximação dos alunos foi acontecendo gradualmente. O facto de serem incentivados a responder oralmente, a trabalhar em equipa, a praticar a escuta ativa, ao serem acompanhados na realização das tarefas, ajudou a que o diálogo entre aluno e professor fosse tornando esta aproximação real.

Perante o que foi apresentado, a PES foi uma mais-valia para as turmas, pois para além da diversidade de estratégias, o grau de dificuldade e a exigência foi aumentando, o que fez com que os alunos desenvolvessem as suas capacidades, bem como a autoconfiança, pois compreenderam que têm capacidade para fazer mais e melhor.

1.3. Aquisições para o desenvolvimento da prática de ensino

O primeiro passo de crescimento, foi no que diz respeito à planificação das aulas. Antes da PES, para a preparação das aulas, observava as páginas do manual para lecionar e procedia à distribuição dos temas por cada semana. No entanto, após a aprendizagem da elaboração de uma correta planificação, não é possível voltar a deixar de planificar. Considero que os quatro níveis de planificação são essenciais para que o ano letivo tenha sucesso e para que alcance os objetivos delineados pela disciplina de EMRC. Começando pela planificação de nível um (anual), é essencial, pois delinea o percurso que se irá realizar com os alunos, refletindo-se, deste modo, sobre a importância e a pertinência de cada unidade letiva. A planificação de nível dois (período/semestre) permite programar quais os temas a lecionar em cada aula, sendo uma forma prática e vantajosa de organizar e orientar as aulas de cada turma. Relativamente à planificação de nível três (unidade letiva), julgo ser absolutamente fundamental, pois antes de planificar cada aula, através da planificação da unidade letiva, consigo ter uma visão global da mesma, onde também é, desde logo, delineado o tipo de estratégias que vão ser aplicadas em sala de aula. Quanto à planificação de nível quatro (aula), que no caso de EMRC é simultaneamente a planificação semanal e diária, se estiver bem organizada, caso seja necessário substituir o docente na turma, esta é perceptível para qualquer professor; e quando alguma estratégia falha, estando a aula bem planificada, é mais fácil replanificar no momento, caso suceda algum imprevisto.

Todas as aprendizagens sobre planificação foram essenciais para o meu crescimento enquanto docente. Para além deste desenvolvimento, são também notáveis as mudanças implementadas no que diz respeito à própria lecionação. Ao longo da PES, aprendi onde me devo situar em sala de aula, como devo estar atenta a toda a sala, bem como o modo como me devo posicionar quando estou a auxiliar algum aluno.

Uma vez que foi aplicado o novo Programa de EMRC (2014), e que a PES decorreu no ano letivo 2014/2015, não possuíamos ainda novos manuais. Assim, tendo havido mudanças no Programa da disciplina, que implicaram a mudança de unidades letivas de ano de escolaridade, bem como acréscimo e exclusão de conteúdos, foi necessário criar materiais que se adaptassem às novas Metas, Objetivos e Conteúdos programáticos. Deste modo, para além de criar materiais, estes foram desenvolvidos com vista a adaptá-los especificamente às turmas da PES. Os primeiros materiais foram realizados com base no manual, mas quando dei início à lecionação concreta das religiões e deixei de ter materiais adaptados ao novo Programa da unidade letiva, foi necessário

criar novos. As fichas para as aulas com a aplicação da metodologia da aprendizagem cooperativa¹, foram um dos exemplos de materiais que tive de criar. A primeira ficha não teve grande sucesso no contexto da turma em que lecionava, mas as seguintes conseguiram revelar a minha compreensão da turma com que estava a trabalhar, tendo elaborado fichas adaptadas à mesma.

Ao fazer referência à aprendizagem cooperativa, devo referir que foi na PES que fiz verdadeiramente esta experiência. Deu-se uso a esta estratégia na leção do Judaísmo, Cristianismo e Islão – para que a aula não fosse tão expositiva e exaustiva –, levando os alunos a sentir necessidade de encontrar resposta às perguntas que lhes foram apresentadas. Na primeira ficha, sobre o Judaísmo, esta revelou-se demasiado extensa, com um grande número de elementos por grupo, e a procura no manual do aluno – devido à muita informação – com um grau de dificuldade elevado. Apesar da aula ter decorrido razoavelmente, não alcançou o objetivo e o sucesso desejados, tendo sido necessário alterar a estratégia. Por isso, na aula relativa ao Cristianismo, optou-se por elaborar uma ficha formativa e informativa, ou seja, realizar uma introdução desenvolvida e informativa para cada grupo de questões, e assim, os alunos responderam a perguntas diretas. Esta mudança de estratégia tornou a ficha de trabalho mais objetiva e mais clara para a compreensão dos alunos, tendo a maioria da turma apresentado resultados muito satisfatórios. A elaboração e aplicação de materiais relativos à aprendizagem cooperativa foram para mim um grande crescimento, pois compreendi que através desta estratégia, alguns conteúdos mais trabalhosos e complexos podem tornar-se mais simples e mais fáceis de compreender por parte dos alunos. Esta estratégia apela também ao trabalho em grupo e, de certo modo, gera alguma competição, pois os alunos querem ser rápidos e revelar o sucesso na realização das tarefas.

Fazendo referência ao sucesso, é importante destacar a importância que as notas têm para os alunos. Anteriormente, colocava apenas os símbolos de correto, incompleto ou incorreto. Na PES, compreendi a importância das notas para os estudantes, porque esta facilita a sua compreensão sobre as aprendizagens que adquiriram. Como foram aplicadas fichas em todas as aulas, era interessante e gratificante sentir o entusiasmo nos alunos, pois assim que entravam na sala de aula, já muitos questionavam com um sorriso no rosto: «Professora, corrigiu as fichas?». Poder comentar as fichas, explicitando os pontos que não haviam sido bem apreendidos e poder felicitar a turma, pelo trabalho de sucesso, foi

¹ A aprendizagem cooperativa é uma metodologia centrada no aluno, cujo objetivo é envolvê-lo nos processos de aprendizagem. A sua participação ajuda o discente a assimilar a informação recolhida.

gratificante. Este fator era, também, visível ao realizar a síntese da aula anterior, em que os discentes se envolviam e revelavam os conhecimentos que haviam adquirido.

Da PES, revejo o meu percurso como um crescimento e um desafio constantes. As aprendizagens que adquiri na planificação e na lecionação, os laços que se criaram com os alunos através das estratégias utilizadas, foram gratificantes e construtivas no meu percurso.

2. A Unidade Letiva «As Religiões»

Antes de dar início à análise da unidade letiva «As Religiões», é necessário enquadrá-la no Programa do 7º ano de escolaridade. O Programa inicia com a unidade letiva «As Origens», que conduz o aluno ao princípio do Universo e à criação do ser humano. Esta unidade, uma vez que marca o início de todas as coisas, é a introdução ideal para todo o percurso. O Programa prossegue com «As Religiões», que está em sintonia com o tema anterior, revelando como a religião é uma proposta de sentido para a vida do ser humano. Com a descoberta de possíveis caminhos de sentido para a vida, a viagem dos alunos continua com a «Riqueza e Sentido dos Afetos», onde serão abordadas as questões e os problemas dos adolescentes que estão diante de nós. Este percurso conclui-se com «A Paz Universal», que apela à missão que cada ser humano tem na construção da paz em cada meio em que se insere. Como se pode constatar, estas estão interligadas, pois o percurso começa nos primórdios do Universo e da vida humana, prossegue para a religião como uma via que dá sentido à vida humana, sentido esse que se busca posteriormente na temática relativa à adolescência – onde se abordam, também, as questões da procura do próprio ser –, e termina com a paz, que para além de ser um objetivo, engloba toda a humanidade, a religião, o ser individual e o ser em comunidade. Estamos perante um Programa muito completo, que ajuda o aluno a fazer um percurso de crescimento, que visa o desenvolvimento pessoal e o entender-se, a si mesmo, no mundo em que habita.

2.1. Análise crítica da unidade letiva «As religiões»

Primeiramente, é importante destacar que esta é a unidade letiva central do Programa do 7º ano, pois para muitos alunos é a primeira grande aproximação à temática do religioso.

O Programa desta unidade letiva apresenta seis objetivos, que se desdobram em vários conteúdos. Para facilitar a leitura, serão referidos os objetivos, seguidos de uma breve apresentação dos conteúdos que cada um engloba:

1. «Questionar a dimensão religiosa do ser humano» – inicia com a proposta da construção de uma chave de leitura do ser humano e da sua vida a partir do religioso, sendo questionado o que é ser religioso e se faz sentido.
2. «Perceber qual a função da religião na vida das pessoas» – prossegue com a compreensão do que é o fenómeno religioso, que, por sua vez, procura entender o lugar da religião na vida das pessoas, onde os alunos compreendem que o religioso acontece: no chamamento por parte de Deus e na resposta por parte do ser humano.
3. «Identificar várias manifestações religiosas» – seguidamente são introduzidos os símbolos religiosos, bem como o seu significado; apresentam-se os conceitos monoteísmo e politeísmo; é analisada a diferença entre magia e religião. Os alunos devem compreender que a religião é um caminho para a felicidade, não sendo, por isso, um ato de magia. Ao compreender como se manifesta o religioso, são também introduzidas as religiões orientais (Budismo, Hinduísmo e Confucionismo).
4. «Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas» – após a introdução ao religioso e ao seu sentido, prossegue-se para o aprofundamento das religiões abraâmicas. Inicia com a apresentação de Abraão e os motivos que levaram ao aparecimento do Judaísmo, do Cristianismo e do Islão. Depois desta introdução, analisam-se os principais pontos caracterizadores de cada uma das religiões.
5. «Reconhecer a mensagem essencial do Cristianismo através da interpretação de textos bíblicos» – posteriormente, uma vez que os alunos já têm uma noção global do que é o religioso e o que caracteriza cada religião, é dado um destaque ao Cristianismo e Catolicismo, ao ser analisado o Deus que nos é apresentado por Jesus Cristo, o Deus de amor.
6. «Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana» – para finalizar a unidade letiva, procura-se ajudar os discentes a realizar uma espécie de síntese da unidade letiva, revelando, no que diz respeito à ética, o que estas têm em comum. Também neste contexto se aprende que, no que diz respeito à religião, não podemos ser

de extremos, pois uma posição extremista coloca em causa aquilo que as religiões têm em comum.

Como pudemos constatar, a unidade letiva «As Religiões» faz um itinerário com o aluno, quer este já tenha contacto com o religioso ou não. O discente começa por ter contacto com conteúdos básicos – mas essenciais para a compreensão da unidade letiva –, e vai adquirindo conhecimentos, aprendendo a decifrar gradualmente os conteúdos que dizem respeito a cada religião.

Esta unidade letiva é a primeira do Programa de EMRC que conduz o aluno a um aprofundamento da história e do sentido das religiões. É uma unidade letiva que o coloca perante o sentido do religioso e o ajuda a desconstruí-lo, facilitando a sua compreensão.

No contexto da PES, a unidade letiva foi lecionada em onze aulas, devido ao escasso contacto dos alunos com o tema, à necessidade de dar resposta às questões e aos interesses manifestados pelos discentes, bem como ajudar a desconstruir e a esclarecer algumas ideias pré-concebidas relativamente ao religioso e às suas vivências. Assim, a unidade letiva torna-se particularmente pertinente, devido à escassa herança cristã, ou seja, ao decréscimo da transmissão da fé no seio familiar. Deste modo, verificou-se que para um grupo significativo de alunos, as aulas de EMRC foram o primeiro contacto com o religioso, e uma ajuda na familiarização com o tema. Este fator exige que o docente esteja preparado para aprofundar e dar instrumentos aos alunos, para que a linguagem do religioso se torne acessível a estes. A missão do professor é, como em todas as unidades letivas, facilitar a transmissão destes conteúdos.

2.2. A leção: planos, descrição dos anexos e relatórios

Na PES, a leção da unidade letiva «As Religiões» foi dividida em onze aulas. De seguida, apresentam-se os planos de aula (A), a descrição dos anexos (B) e os relatórios (C), aplicados em cada uma das aulas da unidade letiva. Os anexos mencionados nos planos de aula e descritos posteriormente, constam no portfólio da PES.

2.2.1. Exploração do sentido de se ser religioso

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 9

Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Início da Unidade Letiva 2: «As Religiões». Exploração do sentido de ser religioso.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Questionar a dimensão religiosa do ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> • O que é «ser religioso». • Ser religioso faz sentido. 	Acolhimento, Sumário e Introdução à Unidade Letiva	Caderno do aluno. Computador	10 min	A professora observa nos alunos:
			Chuva de ideias sobre o que é ser religioso.	--	5 min	- a participação;
			Definição de religioso.	PowerPoint (An. 01)	5 min	- a compreensão;
			Diálogo sobre o significado dos sinais de trânsito.	PowerPoint (An. 01)	10 min	- a atenção;
			Exposição sobre o sentido de ser religioso.	PowerPoint (An. 01)	5 min	- o interesse;
Elaboração da Ficha de Trabalho e Correção.	Ficha nº 20 (An. 02)	10 min	- a participação.			

Síntese da aula: O religioso é a resposta ao sentido da vida, procurando responder às perguntas “Quem sou?”, “De onde venho?”, “Para onde vou?”. O religioso ajuda o ser humano a dar sentido à vida e a dar resposta àquilo que não compete à ciência responder.

B)

Anexo 01

PowerPoint

Descrição: Composto pelo desenvolvimento da aula. Contém a definição de “religioso”, uma dinâmica que analisará o sentido do religioso para a nossa vida (análise realizada a partir dos sinais de trânsito), bem como a respetiva organização das ideias sobre o tema.

Anexo 02

Ficha de Trabalho nº20, Exercícios 1 e 2.

Encontra-se no Caderno do Aluno, na página 48².

C)

O objetivo da aula foi questionar a dimensão religiosa do ser humano.

A aula do dia 11 de novembro contou com a presença de 20 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

O pavilhão abriu pouco antes de soar o toque de entrada, tendo atrasado o início da aula, devido à preparação tardia do material necessário para a mesma. Dos 20 alunos, 6 chegaram atrasados, com espaçamento de tempo entre eles. Uma aluna, que chegou já no decurso da lição, entrou e fez questão de fazer notar a sua chegada. Foi-lhe feita uma chamada de atenção para o facto de não ser aceitável interromper o trabalho da aula.

Após a escrita do sumário, a aula prosseguiu com dez minutos de atraso. Fez-se o acolhimento aos alunos, questionando-os a propósito da sua boa disposição. Sendo este o início de uma nova unidade letiva, sentiu-se a necessidade de fazer uma introdução à mesma, refletindo, ainda que brevemente, no percurso que a turma havia realizado aquando da aquisição das aprendizagens anteriores. Deste modo, foi possível estabelecer uma relação entre as matérias.

Após a introdução à unidade letiva 2, «As Religiões», realizou-se uma “chuva de ideias” sobre “o que é ser religioso”. Constatou-se que a maioria dos alunos não participou, mas os que deram o seu contributo, fizeram-no de forma empenhada. Com esta atividade constatou-se que

² Cf. AA VV – *Desafios 7º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.

esta era uma temática nova para a turma e que eram poucos os que têm noção e proximidade do religioso.

Com o apoio do PowerPoint, prosseguiu-se para a definição de religioso, tendo-se analisado com os alunos que o religioso está relacionado com o ser humano e com o transcendente, que é o que várias religiões denominam de Deus. Salientou-se também que o religioso serve para responder às questões fundamentais da vida – Quem sou? De onde venho? Para onde vou? – e que dão sentido à nossa vida, questões às quais a ciência dá outro tipo de resposta. Os alunos, pela sua postura, manifestaram atenção ao que estava a ser apresentado, sendo que a sua compreensão só foi visível mais tarde.

Nesta busca do sentido da vida, foram apresentados alguns sinais de trânsito (obrigação e proibição), transmitindo que na nossa vida há “sinais” ou pessoas que se cruzam connosco e que nos ajudam a compreender e a discernir qual o caminho que devemos tomar. Os alunos envolveram-se com esta dinâmica, pois manifestaram o seu conhecimento sobre os sinais de trânsito e compreenderam esta ideia de procura do sentido da vida através do religioso. Refletiu-se que esta busca de Deus já vem de há muitos séculos e que não é possível compreender plenamente uma sociedade sem recorrer ao sentido religioso da mesma – tendo-se dado o exemplo de Portugal.

Em alguns momentos da aula, para verificar se os alunos estavam a acompanhar os conteúdos, fizeram-se perguntas sobre o que estava a ser dito.

Para consolidar os conteúdos do dia, realizou-se uma ficha de trabalho, que foi lida para os alunos, sendo acompanhada de uma explicação da mesma. Após a sua realização, fez-se a correção, oralmente, com a partilha de respostas dos alunos. Teve-se a preocupação de explicar o porquê de cada afirmação estar correta ou incorreta. De um modo geral, pelas respostas apresentadas pelos alunos, pode-se concluir que a maior parte da turma consolidou os conteúdos apresentados na aula.

No decorrer da aula, mantive-me sempre em frente aos alunos, para poder olhar para todos e observar as suas reações.

Tendo em conta que os conteúdos da unidade letiva não são de fácil compreensão, os resultados foram positivos, uma vez que, na sua maioria, os alunos consolidaram os conteúdos: que o religioso é a resposta ao sentido da vida, procurando responder às perguntas “Quem

sou?”, “De onde venho?”, “Para onde vou?”, e que o religioso ajuda o ser humano a dar sentido à vida e a dar resposta àquilo que a ciência não consegue responder.

2.2.2. Exploração da função do religioso na vida pessoal e coletiva

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 10

Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Exploração da função do religioso na vida pessoal e coletiva. Visualização e análise do vídeo “Série Juvenil – Episódio 2”. Análise de símbolos e construções religiosas.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	2. Perceber qual a função da religião na vida das pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> • Função da religião na vida pessoal e coletiva: <ul style="list-style-type: none"> - A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; - A necessidade da salvação e da plenitude humana. - A resposta do ser humano à interpelação do Absoluto. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno Computador	10 min	A professora observa nos alunos:
			Chuva de ideias sobre a função da religião na vida pessoal e coletiva.	PowerPoint (An. 03)	5 min	- a participação;
			Visualização do vídeo “Série Juvenil – Episódio 2”.	Vídeo (An. 04)	6 min	- a compreensão;
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	3. Identificar várias manifestações religiosas.	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolos, construções e comportamentos religiosos. • A questão do politeísmo e do monoteísmo. 	Diálogo e análise do conteúdo do vídeo através de texto “Religião e Religiosidade”.	Manual do Aluno (An. 05)	5 min	- a participação;
			Visualização e análise de imagens de símbolos e construções de diversas religiões.	PowerPoint (An. 03)	10 min	- a atenção; - a compreensão;
			Leitura e análise do texto “Saber+”.	Manual do Aluno (An. 06)	4 min	- a compreensão;
			Elaboração de uma Ficha de Trabalho.	Ficha nº 20 (An. 07)	5 min	- o empenho; - a compreensão.

Síntese da aula: O ser humano tem capacidade de se relacionar com o Transcendente, e produz símbolos e construções para se tornar mais próximo do Sagrado.

B)

Anexo 03

PowerPoint

Descrição: Composto pelo desenvolvimento da aula. Apresenta as ideias-chave da aula, referindo qual a relação do religioso com a vida pessoal e coletiva, apresenta imagens relativas às diversas religiões que serão estudadas ao longo da unidade letiva (símbolos e construções).

Anexo 04

Vídeo “Série Juvenil – Episódio 2”

Descrição: É um vídeo realizado pela Fundação SNEC. Neste vídeo a jovem inicia a sua reflexão a partir da construção de um prédio que está a observar, fazendo referência ao texto bíblico Mateus 7, 24-27. Fala da construção da Igreja através de Cristo, que nos convida a participar e a contruir a nossa vida sobre a rocha, confiando em Deus. Fala da Igreja como Casa de Deus, que se torna verdadeira quando esta se enche de pessoas que querem viver como família. Deixa a ideia de que, para além de moradores, todos os cristãos são construtores.

Anexo 05

Manual do Aluno

Na página 58 serão lidos os parágrafos 3 a 6, que são parte do texto “Religião e Religiosidade”, que explica como a religião é parte da vida das pessoas.

Anexo 06

Manual do Aluno

Na página 57 encontra-se o texto “Saber+”, que explica os conceitos de monoteísmo e politeísmo.

Anexo 07

Ficha de Trabalho nº20, Exercícios 3 e 4.

Encontra-se no Caderno do Aluno³, na página 48.

³ Cf. AA VV – *Desafios 7º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.

C)

O objetivo da aula foi perceber qual a função da religião na vida das pessoas e identificar várias manifestações religiosas.

A aula do dia 18 de novembro contou com a presença de 19 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

Iniciou com um pequeno grupo de alunos, tendo entrado vários alunos após o início da aula, de forma espaçada. As diversas entradas fizeram com que a aula se iniciasse de forma lenta, tendo começado verdadeiramente após a cópia do sumário, com cerca de dez minutos de atraso. Fez-se o acolhimento aos alunos e a síntese da aula anterior, onde estes foram convidados a participar, de forma a podermos dar continuidade à temática.

Começou-se por realizar uma “chuva de ideias” sobre a necessidade das pessoas colocarem o religioso na sua vida. Como já se havia verificado na aula anterior, os alunos desconhecem as temáticas e, por isso, a participação foi pouca, pois estavam tímidos e pouco à vontade com o tema do religioso. Para apurar as razões, foi pedido a um aluno que lesse o que estava presente no PowerPoint sobre a questão. Para melhor se compreender como é que o religioso pode estar presente na vida pessoal e comunitária, foi visionado um pequeno vídeo, elaborado pela Fundação SNEC: “Série Juvenil – Episódio 2”. Relativamente a este vídeo, constatou-se que a maioria dos alunos teve dificuldade em compreender a sua mensagem, embora a linguagem fosse simples e adequada à sua faixa etária. A falta de compreensão do vídeo ficou a dever-se, também, a um problema de som, que impossibilitou a perceção de algumas palavras, sendo a analogia da rocha entendida por poucos. Para consolidar e explicitar a mensagem do vídeo foi feito um resumo acompanhado de uma explicação do mesmo, traduzindo a mensagem apresentada; para que os alunos conseguissem compreender melhor a mensagem, o que se veio a verificar. Neste ponto, de modo a consolidar a aprendizagem, vários alunos foram convidados a ler para a turma um excerto de um texto do manual.

A aula prosseguiu com a questão da diversidade de formas de viver o religioso. Para este conteúdo, fez-se uma dinâmica, em que os alunos tinham que adivinhar qual o nome dos lugares de culto e os símbolos de cada religião – que será apresentada nesta unidade letiva. Os alunos participaram, tendo sido muito eficientes e revelando algum conhecimento sobre estes edifícios e símbolos.

Ainda nesta aula, e uma vez que começámos a explorar de forma ligeira as religiões que seriam aprofundadas ao longo da unidade letiva, foram introduzidos os conceitos de *monoteísmo* e *politeísmo*, tendo sido pedido aos alunos que destacassem estes conceitos nos seus manuais, através de um sublinhado ou de outra forma de chamada de atenção, devido à importância destes para a compreensão da unidade letiva.

Para consolidar os conteúdos da aula, realizou-se uma ficha de trabalho. Enquanto esta era distribuída, já muitos a iam resolvendo, de modo que este pequeno exercício foi resolvido rapidamente. No final, recorreu-se ao método da aula anterior, tendo sido realizada a correção oralmente, através do levantar de dedo – que revelou que a maioria dos alunos compreendeu o significado dos conceitos presentes nos exercícios. Para que as fichas revelassem quem são os alunos com dificuldades no acompanhamento dos conteúdos, a ficha de trabalho foi recolhida antes da correção oral, de modo a que estes alunos não pudessem fazer qualquer alteração, revelando, assim, as suas verdadeiras dificuldades.

No decorrer da aula, mantive-me sempre em frente aos alunos, para poder olhar para todos e observar as suas reações.

Devido à falta de tempo, ficou por realizar a síntese da aula com os alunos.

Apesar de os alunos apresentarem uma postura correta e de interesse ao longo da aula, revelaram fragilidades e inseguranças devido à falta de conhecimento sobre a temática do religioso. No entanto, devido à participação dos alunos nas leituras da aula, que alcançou cerca de metade da turma, pensou-se que talvez os mais tímidos viessem a envolver-se em outros momentos da aula, interagindo mais comigo.

Apesar de não se ter realizado a síntese da aula, pelo desempenho demonstrado nos trabalhos, concluiu-se que muitos dos alunos compreenderam que o ser humano tem capacidade de se relacionar com o transcendente, e que produz símbolos e construções para se tornar mais próximo do Sagrado.

2.2.3. Conhecer as religiões através dos símbolos

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 11 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Visualização e análise de imagens de símbolos religiosos. Exploração das Religiões Orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	3. Identificar várias manifestações religiosas.	<ul style="list-style-type: none"> • As religiões e a sua relação com a magia, os fenómenos naturais, o desejo de eternidade e a busca da felicidade. • Tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno Computador	10 min	A professora observa nos alunos:
			Diálogo sobre o porquê de usar símbolos religiosos.	--	5 min	- a participação;
			Análise de imagens de símbolos religiosos.	PowerPoint (An. 08)	10 min	- a atenção; - a compreensão;
			Exposição dos aspetos estruturantes de cada tradição religiosa.	PowerPoint (An. 08)	10 min	- a atenção; - a compreensão;
			Elaboração de uma Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 09)	10 min	- o empenho; - a compreensão.

Síntese da aula: O religioso não é um ato mágico, mas sim um caminho que o ser humano se sente chamado a fazer em busca da felicidade. As religiões têm como fim ajudar as pessoas a alcançar a felicidade, seja qual for a sua espiritualidade.

B)

Anexo 08

PowerPoint

Descrição: Composto pelo desenvolvimento da aula. Apresenta imagens alusivas aos símbolos religiosos, onde se buscará, em conjunto com os alunos, compreender o seu significado. Neste constam também as ideias-chave sobre as Religiões Orientais: data e local de origem, fundador, livros sagrados, símbolos, deuses e princípios fundamentais.

Anexo 09

Ficha de Trabalho

Constituída por exercícios relativos às Religiões Orientais.

C)

O objetivo da aula foi identificar várias manifestações religiosas.

A aula do dia 25 de novembro contou com a presença de 19 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

A aula iniciou com um pequeno grupo de alunos, mas começou a lecionar-se com dez minutos de atraso. Fez-se a síntese da aula anterior, em conjunto com os alunos, tendo sido notável que compreenderam a matéria lecionada e que começaram a estar familiarizados com o vocabulário religioso.

O tema da aula lançou-se com um pequeno diálogo sobre o porquê das pessoas usarem símbolos religiosos. Em relação às aulas anteriores, houve um maior número de intervenções, tendo sido as razões do uso dos símbolos religiosos facilmente identificadas pelos alunos. A aula prosseguiu com a apresentação de um PowerPoint, onde constavam alguns símbolos religiosos, acompanhados pelo seu significado. Para esta apresentação, foi pedido a vários alunos que lessem o que estava a ser projetado. Os discentes manifestaram interesse, pois desconheciam o significado da maioria dos símbolos, tendo ficado elucidados sobre os mesmos. Frisou-se que o religioso e o uso de objetos religiosos não é algo mágico, bem como o facto de que uma pessoa não deve possuir objetos religiosos ou ser religioso apenas por ser supersticioso, pois o religioso é verdadeiramente o caminho que o ser humano se sente chamado a fazer em busca da felicidade.

A aula continuou com o conteúdo sobre as Religiões Orientais. Neste conteúdo procurou-se, de forma sintética e sistemática, fornecer alguns elementos chave que permitam reconhecer e distinguir as Religiões Orientais estudadas: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. Também aqui foi pedido a alguns alunos que colaborassem com a sua leitura. Para cativar um pouco mais a atenção, de modo a que os presentes realizassem uma verdadeira escuta ativa, foi-lhes dito que no final da aula se iria realizar, à semelhança das aulas anteriores, uma ficha sobre o tema, mas que não teriam qualquer suporte e, por isso, teriam que estar com muita atenção, pois na prática iriam fazer o jogo da memória sobre a matéria.

Devido à agitação que se instalou antes da realização da ficha, a maioria dos alunos não ouviu a síntese que alguns elementos foram fazendo.

Ao longo da aula, apresentaram uma postura correta e de interesse. Devido à notável familiarização com os conceitos – que é visível da aula anterior para esta –, os alunos intervieram mais ao longo da aula, havendo maior interação entre os alunos e a professora. A sua envolvência, através das leituras que realizaram durante a aula, embora se tivesse insistido para que alguns lessem, foi positiva, pois começou a cativá-los mais, bem como a ajudá-los a desenvolver as suas capacidades de leitura.

O desempenho dos alunos na realização da ficha, embora havendo algumas falhas, revela que adquiriram a maioria dos conhecimentos da aula, compreendendo que o religioso não é um ato mágico, mas sim um caminho que o ser humano se sente chamado a fazer em busca da felicidade, e que as religiões têm como fim ajudar as pessoas a alcançar a felicidade, seja qual for a espiritualidade.

2.2.4. Conhecer a identidade e a história das religiões abraâmicas

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 12 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Visualização de um vídeo sobre a história de Abraão. Análise de um friso cronológico sobre o surgimento das Religiões Abraâmicas.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Abraão e o monoteísmo absoluto. • As religiões abraâmicas: <ul style="list-style-type: none"> - Judaísmo, Cristianismo e Islão. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno Computador	10 min	A professora observa nos alunos:
			Visualização e análise do vídeo «História da Bíblia em Desenho Animado – Abraão».	Vídeo (An. 10)	5 min	- a atenção; - a compreensão;
			Leitura do texto «Abraão».	Manual do Aluno (An. 11)	5 min	- a atenção;
			Análise do itinerário de Abraão.	PowerPoint (An. 12)	5 min	- a compreensão;
			Leitura do texto «Abraão».	Manual do Aluno (An. 11)	5 min	- a atenção; - a compreensão;
			Análise do Friso Cronológico das Religiões.	PowerPoint (An. 12)	5 min	- a participação;
Elaboração de uma Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 13)	10 min	- o empenho; - a compreensão.			

Síntese da aula: Abraão é apresentado como o pai da fé nas Religiões Monoteístas, pois é através dele que Deus estabelece relação com a humanidade pela primeira vez. É pela experiência primeira de Abraão que surge o Judaísmo, depois o Cristianismo e por fim o Islão.

B)

Anexo 10

Vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=0nXldzWlcoc>)

Descrição: Composto pela história de Abraão, apresenta o chamamento de Abraão e a promessa de que terá uma grande descendência, bem como a prova feita por Deus e o seu desfecho. Refere-se a Abraão como Pai da Fé, dizendo que ele sempre confiou em Deus.

Anexo 11

Manual do Aluno

Nas páginas 59 e 60 apresenta-se o chamamento e o percurso de Abraão. Foi lido em duas fases.

Anexo 12

PowerPoint

Descrição: Composto pelo desenvolvimento da aula. Apresenta um mapa com o itinerário de Abraão, um friso cronológico sobre o surgimento das Religiões Abraâmicas e um friso cronológico com o surgimento das Religiões Abraâmicas e Orientais.

Anexo 13

Ficha de Trabalho

Constituída por exercícios relativos a Abraão.

C)

O objetivo da aula foi identificar o núcleo central constitutivo da identidade das Religiões Abraâmicas.

A aula do dia 2 de dezembro contou com a presença de 24 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

A aula iniciou-se com um significativo grupo de alunos. Fez-se a síntese da aula anterior em conjunto com os alunos, tendo sido notável a compreensão da matéria lecionada, pois foram mais perspicazes nas respostas.

Concluída a síntese, foi tempo de introduzir as religiões que ainda não tinham sido estudadas: Judaísmo, Cristianismo e Islão. Daí partiu-se para a pessoa em comum destas

religiões: Abraão. Para que os alunos pudessem conhecer de forma sintética a história de Abraão, foi visionado o vídeo «História da Bíblia em Desenho Animado – Abraão», uma vez que este foca as partes que mais interessavam para o conhecimento e compreensão da sua história. Após a visualização do vídeo, os alunos foram questionados sobre o que tinham aprendido, tendo manifestado dificuldades nas respostas, uma vez que eram poucos os que já tinham ouvido falar desta história. Deste modo, através do diálogo, fez-se o levantamento dos factos apresentados no vídeo, para que fosse consolidado o que tinha sido dito a Abraão por parte de Deus, revelando o que o motivou para que, já na velhice, mudasse toda a sua vida.

De forma a orientar os alunos, fez-se a leitura sequencial da apresentação que o manual faz sobre Abraão, acompanhada pela realização dos destaques que indiquei. Mostrou-se o percurso até à Terra Prometida, acompanhado pelo relato dos acontecimentos em cada local. Para ajudar a localizar os territórios, fez-se uma relação com os nomes atuais dos mesmos países. Optou-se por aprofundar este itinerário devido ao desconhecimento da sua história. De salientar que esta estratégia foi um pouco exaustiva para a turma; talvez tivesse sido mais produtivo se o mapa projetado tivesse algumas legendas que fossem surgindo, revelando maior dinamismo nesta estratégia.

Para finalizar o conteúdo, concluiu-se a leitura do texto do manual do aluno, para que fosse consolidada a forma como o contacto de Deus com Abraão alterou a história do mundo, pois a partir deste encontro viriam a surgir três religiões: Judaísmo, Cristianismo e Islão.

Passando ao conteúdo seguinte, fez-se a análise das datas do surgimento das Religiões Abraâmicas, fazendo-se notar que as religiões não surgiram imediatamente, mas através da sua descendência, por duas ramificações: Isaac (Judaísmo e posteriormente o Cristianismo) e Ismael (Islão). Esta estratégia permitiu aos alunos compreender que entre o surgimento das religiões há séculos de distância, e que, embora o “Pai da Fé” de todas elas seja Abraão, as histórias da sua origem são diferentes. De seguida, estava prevista a visualização e análise de um friso cronológico digital, que marcava o início das religiões estudadas nesta unidade letiva, mas, devido ao escassear do tempo, tomou-se a opção de não o apresentar, deixando, assim, esta atividade para, possivelmente, a última aula.

Antes da realização da ficha, e para consolidar conteúdos, foi oportuno fazer a síntese da aula em conjunto com os alunos. Foi perceptível que a matéria se estava a tornar mais densa e difícil, pois poucos foram os que intervieram nesta atividade; mas os que o fizeram foram perspicazes, embora tenham tido alguma ajuda sobre outros conteúdos que seria necessário

acrescentar. Depois da distribuição das fichas da aula anterior, que motivou os alunos a realizar a desta aula; a aula terminou com a realização da ficha.

Ao longo da aula, em quase todos os momentos, os alunos apresentaram uma postura de interesse. No entanto, foi notável que um grupo significativo se apresentava ensonado, o que fez com que a aula não fosse tão produtiva. Embora as intervenções tenham sido muito corretas e perspicazes, foi notório que muitos dos presentes não intervieram.

O facto de a leitura ter sido sequencial, e tendo sido solicitados voluntários para ler o texto, despertou e mobilizou os alunos, integrando-os nas atividades.

Para finalizar a aula realizou-se a ficha, tendo sido notável que devido à densidade dos conteúdos, não conseguiram apreendê-los na totalidade. Houve dificuldades na consolidação dos marcos históricos relativos à história de Abraão, mas compreenderam que é o Pai da Fé das Religiões Monoteístas, pois é através dele que Deus estabelece relação com a humanidade pela primeira vez. É pela experiência primeira de Abraão que surge o Judaísmo, depois o Cristianismo e por fim o Islão.

2.2.5. Conhecer a história e as tradições do judaísmo

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 13

Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Judaísmo – realização de um trabalho de pesquisa em grupo.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Judaísmo: - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. - A diversidade no contexto da mesma fé. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno.	7 min	A professora observa nos alunos:
			Explicação do objetivo da aula e do seu funcionamento, e das regras do trabalho de grupo.	--	5 min	- a atenção;
			Divisão dos grupos e distribuição do material.	Ficha de Trabalho (An. 14)	3 min	- o interesse;
			Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 14) Manual do Aluno (An. 15)	30 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão.

Síntese da aula: O Judaísmo tem como núcleo central a Torah (Lei) e o dia santo é o Shabat (sábado).

B)

Anexo 14

Ficha de Trabalho

Descrição: Composta pelas regras do trabalho de grupo e por exercícios que visam a realização, em grupo, de uma aprendizagem por si mesmos. Os alunos terão que dar resposta às perguntas pesquisando no Manual do Aluno (Anexo 15). Durante a realização da ficha de trabalho a professora circulará pelos grupos para acompanhar a aprendizagem dos alunos.

Anexo 15

Manual do Aluno

Os alunos farão a pesquisa através do Manual do Aluno para responder à ficha de trabalho. A sua consulta será direcionada através das perguntas, cujas respostas se encontram entre as páginas 62 e 79, que dizem respeito ao Judaísmo.

C)

O objetivo da aula foi identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Judaísmo.

A aula do dia 9 de dezembro contou com a presença de 22 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis, bem como com a presença da Professora Cristina Sá Carvalho, por parte da Faculdade de Teologia.

Iniciou-se com um grupo de alunos significativo, com a escrita do sumário no quadro. Deram-se as boas-vindas e fez-se a síntese da aula anterior em conjunto com os presentes.

A aula prosseguiu com a apresentação do trabalho que seria realizado. Foram dadas as indicações sobre o modo como o trabalho seria realizado ao longo da aula, pois seria uma pedagogia centrada no aluno. Para além dessas indicações, foram dadas as regras de funcionamento do grupo. O objetivo de tratar o Judaísmo através de um trabalho de pesquisa em grupo, foi que os alunos realizassem a pesquisa de modo cooperativo e que dialogassem sobre o que pesquisavam. Sentiu-se que foi despendido muito tempo nestas indicações, embora o reforço tenha ajudado na “organização” da aula.

Formei os grupos de modo a não criar grande agitação na sala de aula, ou seja, pedi aos alunos da frente que se voltassem para trás (fazendo grupos de quatro alunos). Esta opção de constituição dos grupos também se ficou a dever à escassez de manuais, uma vez que nem todas

as famílias têm a possibilidade de o adquirir. Depois das orientações gerais, os alunos iniciaram rapidamente a sua tarefa. No desenvolvimento dos trabalhos, acompanhei os alunos, dando resposta ao auxílio solicitado pelos mesmos. Apesar de se terem mantido em ordem na realização do trabalho, nem todos os grupos funcionaram devidamente, pois foi visível a sobrecarga de trabalho que era dado aos elementos que mais se empenharam. Neste sentido, teria sido melhor realizar o trabalho a pares, uma vez que sentiriam maior responsabilidade na execução do mesmo. Esta avaliação surge porque o acompanhamento aos grupos acabou por ser uma gestão de conflitos, devido à questão apresentada.

Ao longo da aula, talvez pela diferença e pela novidade, sentiu-se que, embora os alunos estivessem motivados, nem sempre estiveram devidamente envolvidos e empenhados no trabalho. Para este fator contribuiu não só a ficha apresentada, como também o meu posicionamento na sala de aula. No que à ficha diz respeito, salientam-se algumas falhas que devem ser corrigidas, para que a sua aplicação seja mais eficaz. Assim, compreendeu-se que era necessário que fosse mais curta e que tivesse, em cada conjunto de questões, uma introdução informativa. Era também necessário, para facilitar e direcionar os alunos, indicar especificamente quais as páginas que contêm a informação para dar resposta às perguntas. Concluiu-se que algumas perguntas não deviam ter sido de resposta aberta, uma vez que deu azo a que os alunos perdessem demasiado tempo em questões que talvez não fossem tão essenciais. As perguntas deveriam ser mais diretas, pois os participantes levam tempo a ler.

Quanto ao posicionamento, para uma próxima aula, é necessário ter atenção ao campo de visão quando for ao encontro de um grupo, para que não se percam de vista os restantes grupos.

Esta experiência foi incompleta, não tendo sido possível concluir a ficha. Por esta razão, na aula seguinte, foi retomada a ficha de trabalho, para ajudar os alunos a compreender a importância do Judaísmo, para que depois seja mais fácil entender o Cristianismo.

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 14 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Judaísmo – conclusão do trabalho da aula anterior. Visualização e análise do vídeo «História do Natal Digital».

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas. 4.1 A promessa Messiânica.	<ul style="list-style-type: none"> • Judaísmo: <ul style="list-style-type: none"> - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. - A diversidade no contexto da mesma fé. • A promessa da vinda do Messias. • História do Natal cristão. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno.	7 min	A professora observa nos alunos:
			Organização dos grupos e distribuição do material.	Ficha de Trabalho (An. 14)	3 min	- a atenção;
			Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 14) Manual do Aluno (An. 15)	15 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão.
			Síntese das aprendizagens adquiridas na elaboração da Ficha de Trabalho.	--	5 min	- a compreensão;
			Exposição sobre a promessa Messiânica.	--	5 min	- a compreensão;
Visualização e análise do vídeo «História do Natal Digital».	Computador Vídeo (An. 16)	10 min	- a atenção; - a compreensão.			

Síntese da aula: A promessa Messiânica liga a tradição judaica e a tradição cristã.

B)

Anexo 14

Ficha de Trabalho

Descrição: Composta pelas regras do trabalho de grupo e por exercícios que visam a realização, em grupo, de uma aprendizagem por si mesmos. Os alunos terão que dar resposta às perguntas pesquisando no Manual do Aluno (Anexo 15). Durante a realização da ficha de trabalho a professora circulará pelos grupos para acompanhar a aprendizagem dos alunos.

Anexo 15

Manual do Aluno

Os alunos farão a pesquisa através do Manual do Aluno para responder à ficha de trabalho. A sua consulta será direcionada através das perguntas, cujas respostas se encontram entre as páginas 62 e 79, que dizem respeito ao Judaísmo.

Anexo 16

Vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=tgtnNc1Zplc>)

Descrição: A «História do Natal Digital» é composta pela apresentação da história do nascimento de Jesus, mas é apresentada como se ocorresse na atualidade, dando uso a diversas tecnologias.

C)

O objetivo da aula foi identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Judaísmo. Foi acrescentado, autonomamente, um objetivo ao Programa da disciplina: «A promessa Messiânica», para que os alunos compreendessem que o Judaísmo aguarda a vinda do Messias e que, para aqueles que aceitam Jesus Cristo, esse é o Messias esperado. O acréscimo deste objetivo foi não só importante para fazer a relação entre o Judaísmo e o Cristianismo, mas também pelo facto de esta ser a última aula antes do Natal, realizando-se, assim, uma atividade relativa ao mesmo.

A aula do dia 16 de dezembro contou com a presença de 21 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

A aula iniciou com cerca de quinze minutos de atraso, devido à abertura tardia do pavilhão.

Relembrou-se o trabalho iniciado na aula anterior sobre o Judaísmo e que, uma vez que não tinha sido possível concluí-lo, iriam ter tempo para o terminar. Houve apenas um grupo que não o conseguiu terminar, pois na aula anterior tinha desenvolvido pouco o trabalho. Devido ao significativo atraso inicial, não foi possível fazer a síntese das aprendizagens sobre o Judaísmo, sendo necessário reforçar os conhecimentos adquiridos na síntese inicial da primeira aula do segundo período.

Fez-se a recolha dos trabalhos e prosseguiu-se para o conteúdo seguinte, que visava apresentar brevemente a promessa Messiânica, a fim de ajudar os alunos a estabelecer uma relação entre o Judaísmo e o Cristianismo. Após esta referência, visualizou-se o vídeo «História do Natal Digital», que é uma abordagem ao Natal com base nas novas tecnologias – que captou a atenção dos alunos e lhes transmitiu a mensagem essencial da história do Natal. Deste modo, mostrou-se aos alunos como começou a história do Cristianismo, fazendo não só uma ligação entre o Judaísmo e o Cristianismo, introduzindo o tema da aula seguinte, como também se fez a alusão à época forte que se iria viver: o Natal.

À semelhança da aula anterior, sentiu-se a motivação por parte dos alunos, para que fosse possível concluir os trabalhos já iniciados. Todos os grupos obtiveram a nota de Muito Bom, exceto o grupo que não concluiu o trabalho, tendo obtido a nota de Bom, pois o que apresentaram estava correto. Considerou-se, portanto, que os alunos têm capacidade para realizar fichas às quais tenham que responder através de pesquisa em materiais fornecidos pelo professor.

Foi importante introduzir o Cristianismo, fazendo a ligação com o Judaísmo, através da promessa Messiânica, pois os alunos já estavam sensibilizados para as questões do Judaísmo. Considerou-se igualmente importante fazer esta ligação não só com base na esperança Messiânica, mas também através do vídeo sobre o Natal, que sensibilizou os alunos para a história do primeiro Natal. Deste modo, foi possível compreender que a tradição judaica está ligada à tradição cristã, devido à promessa Messiânica, cumprindo os objetivos da aula: identificar o núcleo central constitutivo da identidade das Religiões Abraâmicas e a promessa Messiânica.

2.2.6. Exploração da história e dos costumes do cristianismo

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 15

Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Cristianismo – realização de um trabalho de pares.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Cristianismo: - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. - A diversidade no contexto da mesma fé. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno.	10 min	A professora observa nos alunos:
			Explicação do objetivo da aula e do seu funcionamento.	--	3 min	- a atenção;
			Organização dos pares e distribuição do material.	Ficha de Trabalho (An. 17)	2 min	- o interesse;
			Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 17)	25 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão;
			Síntese das aprendizagens adquiridas na elaboração da Ficha de Trabalho.	--	5 min	- a compreensão.

Síntese da aula: O Cristianismo tem como centro a ressurreição de Jesus Cristo e o seu mandamento de amor.

B)

Anexo 17

Ficha de Trabalho

Descrição: Composta por exercícios introduzidos por informações sobre os tópicos que visam ser o recurso onde os alunos, a pares, procurarão as respostas para as perguntas. As perguntas sobre cada tópico são diretas, de forma a focar os alunos no essencial. Durante a realização da ficha de trabalho a professora circulará pelos grupos para acompanhar a aprendizagem dos alunos.

C)

O objetivo da aula foi identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo.

A aula do dia 6 de janeiro contou com a presença de 23 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

Com a colaboração dos alunos, foi realizada a síntese da aula anterior, tendo sido lembrados os conteúdos adquiridos sobre o Judaísmo e o facto de se ter visualizado o pequeno vídeo «História do Natal Digital», a partir do qual se realizou a relação que existe entre o Judaísmo e o Cristianismo. Os discentes foram felicitados pelos bons resultados das fichas sobre o Judaísmo.

Após a síntese, foi lembrado que o final da aula anterior era já uma introdução ao Cristianismo e que, por essa razão, esta aula iria dar continuidade aos seus conteúdos. Foi explicado que se iria realizar uma ficha a pares, sendo cada parte composta por uma introdução informativa e seguida de questões sobre a mesma. Após a distribuição das fichas, os discentes iniciaram imediatamente o trabalho, tendo-o realizado num curto espaço de tempo. Houve acompanhamento na realização das tarefas.

Após a realização e recolha dos trabalhos, fez-se a síntese das aprendizagens, tendo-se explicitado o conteúdo «a diversidade no contexto da mesma fé», pois os alunos manifestaram dificuldade na realização deste exercício.

Sentiu-se a motivação e a alegria por parte dos alunos na realização da ficha. Na verificação da ficha, constatou-se que a maioria alcançou os objetivos e que todos

compreenderam que o Cristianismo tem como centro a ressurreição de Jesus Cristo e o mandamento do amor.

2.2.7. Conhecer a história e os costumes do islão

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 16 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Islão – realização de um trabalho de pares.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Islão: - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno.	10 min	A professora observa nos alunos:
			Explicação do objetivo da aula e do seu funcionamento.	--	3 min	- a atenção;
			Organização dos pares e distribuição do material.	Ficha de Trabalho (An. 18)	2 min	- o interesse;
			Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 18)	25 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão;
			Correção da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho (An. 18)	5 min	- a compreensão.

Síntese da aula: O Islão surgiu em Medina (Arábia Saudita) e tem Maomé como o último e mais importante profeta.

B)

Anexo 18

Ficha de Trabalho

Descrição: Composta por exercícios introduzidos por informações sobre os tópicos, que visam ser o recurso onde os alunos, a pares, procurarão as respostas para as perguntas. As perguntas sobre cada tópico são diretas, de forma a focar os alunos no essencial. Durante a realização da ficha de trabalho a professora circulará pelos grupos para acompanhar a aprendizagem dos alunos.

C)

O objetivo da aula foi identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Islão.

A aula do dia 13 de janeiro contou com a presença de 21 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

Inicialmente os alunos estavam agitados, mas, ao ser solicitada a sua colaboração na realização da síntese da aula anterior, acalmaram. Através da síntese, foi perceptível que consolidaram as aprendizagens. Antes de se dar início aos conteúdos da aula, de forma a entusiasmar os discentes, foram distribuídas as fichas sobre o Cristianismo e a turma foi felicitada pelos bons resultados obtidos.

Após a síntese e as felicitações, explicou-se que se iria realizar uma ficha a pares sobre o Islão, com o mesmo esquema da ficha anterior. Distribuídas as fichas, iniciaram imediatamente o trabalho, tendo-o realizado num curto espaço de tempo. Os alunos foram sendo acompanhados na realização dos trabalhos.

Depois de concluída a ficha, fez-se a correção oral, durante a qual cada par ficou encarregue de responder a duas questões. Foi perceptível que os alunos consolidaram as aprendizagens e houve oportunidade de explicitar os conteúdos que não tinham sido tão perceptíveis para alguns elementos. Para aqueles que acertaram nas respostas, foi notória a alegria e o entusiasmo.

Concluiu-se a aula referindo que o trabalho realizado revelava as crenças e costumes do Islão, tendo sido importante esclarecer que esta era a essência desta religião.

Sentiu-se a motivação na realização da ficha, e na sua correção, constatou-se que os objetivos foram alcançados e que todos compreenderam que para o Islão, Maomé é o último profeta e o mais importante e que a religião surgiu em Medina.

2.2.8. Exploração da mensagem cristã através de textos bíblicos

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 17 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Leitura e análise de textos bíblicos sobre o Deus de Jesus Cristo – realização de um trabalho de pares.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	5.Reconhecer a mensagem essencial do cristianismo através da interpretação de textos bíblicos.	<ul style="list-style-type: none"> • O Deus de Jesus Cristo: - Pai: Mc 14, 36; Lc 11, 2-4; - Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom: Rm 3, 25-26. 29-30; Lc 23, 34; - Deus que ama todo o ser humano de forma incondicional: Lc 7,36-50. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno.	10 min	A professora observa nos alunos:
			Exposição sobre a centralidade da mensagem de Jesus Cristo para o Cristianismo.	--	3 min	- a atenção; - o interesse; - a compreensão;
			Visualização do vídeo «O Sermão da Montanha: A Lei Maior».	Vídeo (An. 19)	2 min	- a atenção; - a compreensão;
			Explicação do trabalho e organização dos pares e distribuição do material.	Textos Bíblicos (An. 20)	1 min	- a atenção;
			Elaboração da leitura e análise dos textos bíblicos a pares.	Textos Bíblicos (An. 20)	15 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão;
			Exposição da análise dos textos bíblicos por parte dos alunos. Registo das ideias.	PowerPoint (An. 21)	10 min	- a compreensão;
			Visualização do vídeo «O Sermão da Montanha: As Bem-Aventuranças».	Vídeo (An. 22)	2 min	- a atenção; - a compreensão;
Síntese das ideias chave dos textos bíblicos.	--	2 min	- a atenção.			

Síntese da aula: O Deus apresentado por Jesus Cristo é Pai, salvação, misericórdia e amor.

B)

Anexo 19

Vídeo «O Sermão da Montanha: A Lei Maior»

(<https://www.lds.org/media-library/video/o-sermao-da-montanha-a-lei-maior?category=bible-videos-the-life-of-jesus-christ&lang=por#>)

Descrição: Composto por um excerto da passagem bíblica do Sermão da Montanha, visa apresentar a Lei do Amor de forma explícita aos alunos, de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos sobre o Cristianismo e reforçar a importância dos textos bíblicos que vão ser estudados de seguida.

Anexo 20

Textos Bíblicos

Descrição: Ficha composta por textos bíblicos, sendo distribuídos pelos pares os diferentes conjuntos de textos. Os alunos irão ler e analisar os textos que lhes competem, de modo a encontrarem a mensagem que cada texto quer transmitir. Após a realização do trabalho, cada par apresentará à turma a mensagem transmitida pelos textos bíblicos.

Anexo 21

PowerPoint

Descrição: Composto por um quadro para registar o levantamento das ideias dos alunos – resultado da análise dos textos bíblicos.

Anexo 22

Vídeo «O Sermão da Montanha: As Bem-Aventuranças»

(<https://www.lds.org/media-library/video/2011-10-032-sermon-on-the-mount-the-beatitudes?category=bible-videos-the-life-of-jesus-christ&lang=por#>)

Descrição: Composto por um excerto da passagem bíblica do Sermão da Montanha, visa apresentar as Bem-Aventuranças, de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos sobre o Cristianismo na aula relativa ao tema e relacionar com os textos bíblicos analisados em aula.

C)

O objetivo da aula foi reconhecer a mensagem essencial do Cristianismo através da interpretação de textos bíblicos.

A aula do dia 20 de janeiro contou com a presença de 22 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

A aula começou com algum atraso, em primeiro lugar por estar danificado o material necessário para a realização da aula e, em segundo lugar, pelo facto de alguns alunos entrarem tardiamente. Após a resolução dos problemas técnicos, iniciou-se a aula com a escrita do sumário e a saudação.

No princípio, os alunos estavam agitados, mas ao dar início à síntese da aula anterior, acalmaram e deram a saber que as aprendizagens foram consolidadas, dando resposta às perguntas que lhes foram colocadas. Receberam com entusiasmo as fichas da aula anterior, tendo todos obtido a qualificação de Muito Bom.

Após a síntese, foi realizada uma breve exposição sobre a centralidade de Jesus Cristo na mensagem cristã. Para contextualizar, os alunos foram questionados sobre as componentes da Bíblia e a sua mensagem, tendo revelado que têm presente os conteúdos lecionados sobre o Cristianismo. De modo a inteirar os presentes sobre a globalidade da mensagem que Jesus deixou, foi apresentado o vídeo «O Sermão da Montanha: A Lei do Amor», tendo sido salientado que Jesus interpela a amar o próximo – não só aqueles que amamos, mas também aqueles que não amamos.

A aula prosseguiu com a explicação da estratégia seguinte, em que cada grupo teria um conjunto de textos bíblicos, onde analisaria qual a mensagem que Jesus transmitiu sobre Deus. Ao iniciar, os alunos apresentaram alguma dificuldade na realização da atividade, mas com o acompanhamento dos professores presentes (professor cooperante e estagiária) foi mais fácil compreender o que se pretendia perceber dos textos bíblicos. No final da atividade, foi solicitado aos pares que dissessem o que haviam compreendido da mensagem dos textos atribuídos e foi registado no PowerPoint, para que todos pudessem visualizar as semelhanças dos conteúdos transmitidos por cada um. Os alunos revelaram compreensão. Poderiam ter sido lidos os textos bíblicos antes de serem solicitadas as análises aos alunos, mas a escassez do tempo não o permitiu.

Concluiu-se a aula, fazendo alusão ao quadro que foi realizado em conjunto com os alunos. Foi também visualizado o vídeo «O Sermão da Montanha: As Bem-Aventuranças», que revela que a felicidade se encontra nas ações realizadas por meio da relação com o outro, visando o seu bem. Para terminar, foram deixadas quatro palavras-chave sobre o tema da aula: Deus é Pai, salvação, misericórdia e amor.

Apesar da dificuldade inicial na realização da ficha, sentiu-se a motivação por parte dos alunos na realização da mesma. Os alunos envolveram-se na elaboração do quadro síntese, e pelas suas respostas revelaram que compreenderam que o Deus apresentado por Jesus Cristo é Pai, salvação, misericórdia e amor.

2.2.9. Da religião para a vida pessoal e coletiva

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 18 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	2. Perceber qual a função da religião na vida das pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> • Função da religião na vida pessoal e coletiva; 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno.	10 min	A professora observa nos alunos:
	3. Identificar várias manifestações religiosas.	<ul style="list-style-type: none"> • Tradições Religiosas Orientais; 	Distribuição da ficha e leitura explicativa.	Ficha de Consolidação de Conhecimentos (An. 23)	5 min	- a atenção;
	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • As Religiões Abraâmicas. 	Elaboração da ficha.	Ficha de Consolidação de Conhecimentos (An. 23)	30 min	- a realização; - a compreensão.

Síntese da aula: As religiões revelam ao ser humano como o religioso dá sentido à vida das pessoas. O estudo destas religiões é importante para as conhecer melhor.

B)

Anexo 23

Ficha de Consolidação de Conhecimentos

Descrição: Composta por vários exercícios sobre os conteúdos lecionados ao longo da unidade letiva, recorre a exercícios já realizados pelos alunos. Os exercícios estão centrados na função do religioso na vida pessoal e comunitária e nas religiões orientais e abraâmicas.

C)

O objetivo da aula foi consolidar a compreensão do fenómeno religioso e da experiência religiosa, e identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.

A aula do dia 27 de janeiro contou com a presença de 24 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

A aula iniciou com algum atraso. Os alunos receberam as fichas da aula anterior com ânimo, tendo todos obtido a qualificação de Muito Bom.

Após a síntese da aula anterior, foi explicado que, como tinha sido sempre manifestado um bom desempenho ao longo da leção da presente unidade letiva, iria ser realizada uma ficha individual sobre alguns tópicos da aula, com exercícios já realizados anteriormente e com sucesso. Tentou-se, deste modo, transmitir-lhes ânimo e confiança no trabalho realizado até ao momento. Foram dadas indicações de que a ficha seria realizada individualmente e sem consulta, e procedeu-se à distribuição da mesma. Durante a execução, uma vez que não estavam habituados a trabalhar individualmente em aula, foi inevitável o diálogo entre os alunos, sendo manifesto nas suas respostas que, para além de trocas de ideias entre o parceiro da mesma mesa, também houve transmissão de informação ao longo da fila onde cada um se encontrava, pois encontram-se muitas respostas repetidas – corretas e incorretas. Os professores foram alertando e recordando as indicações dadas inicialmente.

A ficha decorreu até ao final da aula, não tendo sido possível realizar a síntese da aula.

No início da ficha, os alunos manifestaram algum receio na sua realização, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se a motivação por parte deles, pois era mais um desafio. Na disciplina, fazer um trabalho individual foi uma nova experiência, daí ter sido inevitável a troca de ideias entre os pares. Com a opção de troca de ideias por parte dos alunos, lamenta-se o facto de alguns

se terem deixado influenciar pelas respostas de outros colegas – pois, em alguns exercícios, é visível que há alunos que tinham escrito anteriormente a resposta correta.

Apesar do exercício não ter decorrido como se pretendia, os discentes apresentaram bons resultados, constatando-se apenas duas negativas altas, e as restantes notas compreendem-se entre os 59% e os 86,5%. A média das notas da ficha foi de aproximadamente 68%, o que corresponde a uma nota qualitativa de Suficiente (+).

Com algumas das dificuldades manifestadas, considerou-se necessário ajudar a consolidar que as religiões revelam ao ser humano como o religioso dá sentido à vida das pessoas e que o estudo destas religiões é importante para que se conheça melhor o Cristianismo e outras tradições religiosas.

2.2.10. Exploração do papel das religiões na construção da paz universal

A)

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição 19 Ano Letivo 2014/2015

Sumário: Entrega e correção da ficha de consolidação de conhecimentos. Exploração dos princípios éticos comuns às várias religiões. Análise dos objetivos do diálogo inter-religioso.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> • Todos temos origem em Deus; a fraternidade universal. • Máximas elementares da humanidade, e comuns às grandes tradições religiosas. • O relativismo e o fundamentalismo religioso: dois extremos a recusar. • O diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum. • Atitudes no diálogo inter-religioso. • O conhecimento sobre as tradições religiosas cria as condições necessárias para a tomada de posição pessoal e o diálogo. 	Acolhimento, Sumário	Caderno do aluno.	5 min	A professora observa nos alunos: - a compreensão; - a atenção; - a compreensão; - a compreensão; - a compreensão;
			Entrega e correção da Ficha de Consolidação de Conhecimentos.	Ficha de Consolidação de Conhecimentos (An. 23)	10 min	
			Exposição sobre a igualdade do ser humano e a fraternidade.	PowerPoint (An. 24)	5 min	
			Chuva de ideias sobre o objetivo comum das religiões: transformar o mundo.	PowerPoint (An. 24)	5 min	
			Explicação e análise dos termos relativismo e fundamentalismo religioso, e suas consequências.	PowerPoint (An. 24)	5 min	
			Análise dos objetivos do diálogo inter-religioso.	PowerPoint (An. 24)	5 min	
Elaboração da ficha de trabalho individual.	Ficha de Trabalho (An. 25)	10 min	- a compreensão.			

Síntese da aula: As religiões têm como objetivo tornar o mundo melhor: um lugar onde todos possam viver em paz e harmonia.

B)

Anexo 23

Ficha de Consolidação de Conhecimentos

Descrição: Composta por vários exercícios sobre os conteúdos lecionados ao longo da unidade letiva, recorre a exercícios já realizados pelos alunos. Os exercícios estão centrados na função do religioso na vida pessoal e comunitária e nas Religiões Orientais e Abraâmicas.

Anexo 24

PowerPoint

Descrição: Composto pelo desenvolvimento da aula. Contém uma explicação sobre a fraternidade – tendo por base as Religiões Abraâmicas –, os dois extremos a evitar – relativismo e fundamentalismo –, e as atitudes do diálogo inter-religioso.

Anexo 25

Ficha de Trabalho

Descrição: Constituída por exercícios relativos ao diálogo inter-religioso.

C)

O objetivo da aula foi identificar os princípios éticos comuns das várias religiões, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.

A aula do dia 3 de fevereiro contou com a presença de 22 alunos, das turmas A e B do 7º ano, da Escola Básica Damião de Góis.

A aula iniciou com algum atraso, devido à entrada tardia dos alunos e ao não funcionamento do projetor, o que exigiu uma alteração de estratégias.

Os alunos receberam a ficha de consolidação de conhecimentos, realizada na aula anterior, da qual se fez a correção oral (para além de já possuírem as correções devidas na ficha), onde participaram todos os alunos, sendo chamados a dar resposta às questões da mesma. Aquando da correção, foram explicados os conteúdos que não haviam sido tão bem consolidados e foi dado um incentivo à confiança no saber de cada um, devido às respostas que alguns alunos haviam dado corretamente e que, durante a ficha, tinham alterado por influência de algum colega.

Uma vez que o projetor não estava operacional, foi necessário alterar a dinâmica da aula, tendo sido mais expositiva do que estava previsto, não tendo dado oportunidade aos alunos de lerem os conteúdos presentes no PowerPoint. Por esta razão, e apesar de ter sido solicitada a participação de todos os alunos, a turma estava um pouco dispersa.

Fez-se a síntese da aula com os alunos, embora tenham sido pouco interventivos. Seguiu-se a explicação e a distribuição das fichas de trabalho relativas à aula. Manifestaram dificuldades na realização, pelo facto de dois dos três exercícios necessitarem de desenvolver ideias, que exigiam uma reflexão, com base nos conhecimentos adquiridos.

O facto de ter faltado a projeção foi prejudicial para a aprendizagem e compreensão dos conteúdos lecionados. A visualização dos conteúdos teria facilitado a apreensão dos mesmos, envolvido mais os alunos e facilitado a realização da ficha de trabalho.

A ficha de trabalho, que aparentemente era simples de resolver, revelou-se difícil. Mais uma vez, associa-se esta dificuldade ao facto de faltar o PowerPoint. Dos três exercícios da ficha, alguns alunos realizaram apenas o primeiro, e com dificuldade, que consistia em preencher os espaços nas palavras. A segunda questão tinha como objetivo falar do contributo das religiões para a construção de um mundo melhor, a partir da frase «É mais o que nos une, que aquilo que nos divide». O último exercício implicava refletir sobre como a unidade letiva tinha contribuído para os conhecimentos do aluno relativamente às religiões. Destaca-se que, a falta da projeção e a agitação dos alunos, levou a alguma falta de atenção aos conteúdos da aula. A maioria dos que realizaram todos os exercícios, teve sucesso.

Devido à necessidade de redefinir as estratégias da aula, uma vez que os alunos não estavam tão focados, poder-se-iam ter abreviado alguns conteúdos e ter dado mais tempo para realizar a ficha de trabalho. No entanto, o facto de esta ter sido a última aula da unidade letiva, fez com que não fosse possível suprimir conteúdos, pois transferi-los para outro momento seria impossível.

Apesar das dificuldades, através da síntese da aula foi perceptível que os alunos compreenderam que as religiões têm como objetivo tornar o mundo melhor: um lugar onde todos possam viver em paz e harmonia.

3. Avaliação Global do Percurso Efetuado

No ano letivo de 2014/2015, em que realizei a PES, iniciei a lecionação no Colégio dos Salesianos de Lisboa, no qual me encontro até à data. Recentemente, comecei a lecionar, em simultâneo, no Colégio dos Salesianos de Manique.

Com o início da lecionação no Colégio, surgiu um novo desafio, ser professora do Ensino Secundário. Era o único ciclo no qual ainda não havia trabalhado, tendo sido um grande desafio realizá-lo no ano da PES, não só por serem temas mais complexos, mas por passar a lecionar o dobro do tempo de aula a que estava acostumada.

Realizar a PES ao mesmo tempo que iniciava um novo ciclo de ensino, foi também uma ajuda, pois comecei a executar muitas das estratégias que colocava em prática na PES, fazendo com que não me limitasse ao material presente nos manuais e conseguindo ir mais além no aprofundamento dos conteúdos a lecionar nas unidades letivas.

Desde a PES que me mantenho a lecionar turmas do Ensino Secundário. Ao longo destes seis anos no Colégio, lecionei, em simultâneo com o Ensino Secundário, um ano a quatro turmas de 7º ano, e nos últimos dois anos, duas turmas do 2º ano de escolaridade. Também no Colégio Salesianos de Manique leciono o Ensino Secundário.

Após a PES, sinto que continuei a desenvolver-me como professora de EMRC. Na medida do possível, elaboro planificações, de aula, adequadas, especificando as dinâmicas e o seu modo de aplicação, bem como a estimativa do tempo a ocupar em cada uma delas. Com um plano bem definido, com o passar do tempo, fui sentindo maior facilidade em alterar o plano de aula no decorrer da mesma, quando sucedem imprevistos, como é o caso dos alunos não possuírem o material da disciplina em número suficiente para a realização do trabalho traçado previamente, ou por haver algum problema relativamente à utilização do computador e/ou projetor.

Em todos os anos escolares em que leciono e lecionei, procuro ter mais do que uma estratégia para o decorrer das aulas, com o objetivo de minimizar o tempo expositivo e de envolver mais os alunos. Para além do resumo da aula anterior, à qual chamo os discentes a participar, procuro iniciar o tema da aula com questões (“chuva de ideias”), que os façam refletir e pensar nos conhecimentos que possuem sobre a temática. A partir daí, realizo uma parte expositiva e/ou uma leitura de textos do manual, que são posteriormente dialogados e aprofundados, conjuntamente, procurando perceber qual foi a compreensão dos discentes sobre o escutado, podendo igualmente prestar esclarecimentos sobre o tema. Quando possível, são

colocadas questões por escrito aos presentes, para que possam dar resposta e posteriormente partilhar com a turma, bem como realizar fichas de trabalho. Este delineamento da aula apresenta algumas alterações nas turmas que leciono no 2º ano de escolaridade, uma vez que estes exigem atividades mais práticas, devendo as leituras e os diálogos ser mais breves e objetivos.

Da prática que realizo até ao momento, tenho a destacar o benéfico que é a concretização de fichas de trabalho sobre a matéria lecionada e a aplicação de trabalhos com a metodologia da aprendizagem cooperativa. Sinto que os alunos se empenham nestes trabalhos, sejam eles mais simples ou mais complexos, e que por meio das questões apresentadas, manifestam o seu interesse, fazendo mais questões com vista a aprofundar o tema. Nas fichas que levo para correção e avaliação, procuro assinalar e corrigir as que foram classificadas como erradas. Na aula seguinte explico as questões que suscitaram maior dúvida, devido ao número de alunos que não acertaram na resposta. Quando possível, após a execução da ficha, ainda no final da aula, faço a correção da mesma, procurando desde logo dar resposta às dúvidas emergentes.

A metodologia da elaboração de fichas sobre o tema da aula ou em aprendizagem cooperativa, nem sempre é possível de realizar, até porque se procura uma unidade na leção, em conjunto com o restante grupo de docentes da disciplina. No entanto, destaco que, em diversas ocasiões, vários alunos, ao falarem comigo no momento da autoavaliação sobre o percurso desenvolvido ao longo do período, apontam como uma boa estratégia a execução de fichas de trabalho, sejam elas de consolidação do trabalho efetuado, sejam concretizadas com a metodologia da aprendizagem cooperativa. Esta valorização por parte dos discentes, sublinha a necessidade de implementar de forma mais sistemática a realização deste tipo de atividades.

Ao longo do meu percurso nos Salesianos de Lisboa, destaco ainda a diversidade de avaliação que atualmente tanto se debate, tendo surgido a necessidade de verificar os conhecimentos dos alunos, com outros elementos além dos testes. Desde que entrei no Colégio que é comum, a partir do Segundo Ciclo e até ao Ensino Secundário, que o elemento que confere as aprendizagens adquiridas, com maior peso para a nota de EMRC, diferencie em cada período, dando possibilidade aos alunos de revelarem as suas capacidades através de diferentes instrumentos. Num período realizamos um teste, noutro um trabalho de grupo e noutro um trabalho individual. Deste modo, para além de levar os discentes a dar respostas concretas aos conteúdos lecionados, dá-se espaço para a aprendizagem cooperativa, realizando pesquisas e

tratando dados sobre os temas dos trabalhos, sendo posteriormente apresentados à turma. Apesar da apreciação através de trabalhos poder ser um pouco mais complexa, ajudou-me a desenvolver competências profissionais, aferindo o processo e o resultado final, podendo valorizar parâmetros que um teste não permite.

Depois da PES, com a ajuda dos vários professores intervenientes e das partilhas realizadas com os colegas, considero que continuo a desenvolver competências enquanto docente, dando continuidade à elaboração de novos materiais, particularmente fichas de trabalho. Este fortalecimento sucede com a ajuda dos alunos, que acabam por fazer propostas e apontar caminhos para que possa melhorar as aulas e o seu interesse pela disciplina de EMRC, de modo a sentirem que esta contribui para o crescimento pessoal.

4. Questões Emergentes, Desafios e Interações

Da análise daquilo que foi a lecionação ao longo da PES e posteriormente, perante o exposto surgem algumas questões:

- Porque é que no meio dos jovens assistimos àquilo a que se chama iliteracia religiosa?
- Será que as famílias continuaram a propor o religioso? Ou deixaram esta opção ao critério dos jovens?
- O religioso faz sentido para os jovens de hoje?
- O que é valorizado pelos jovens quando alguém fala sobre a experiência religiosa e a religião? Porquê?

Atualmente, e após a realização da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em outubro de 2018 e dedicada aos jovens, sob o tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional», e após a publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa Francisco, intitulada *Christus vivit* («Cristo Vive»)⁴, a Igreja é desafiada a repensar o modo como tem apresentado o religioso aos jovens e se tem feito o caminho para ir ao seu encontro,

⁴ Cf. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html

das suas vidas e das suas inquietações. Não nos esqueçamos da importância do nº 1 da *Gaudium et Spes*⁵:

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (*Gaudium et Spes*, nº 1).

Estas palavras do Concílio Vaticano II, em relação com as questões emergentes apresentadas, significam que é fundamental que a Igreja acompanhe os jovens de hoje, e que lhes proponha a fé, pois os jovens não podem assumir para as suas vidas o que não lhes foi dado a conhecer.

É com base nestas questões, desafios e interpelações apresentados ao longo desta primeira parte, que procuraremos aprofundar o tema do religioso nos jovens.

⁵ CONCÍLIO VATICANO II – *Constituição Pastoral «Gaudium et Spes» sobre a Igreja no Mundo Atual*. Roma: 7 de dezembro de 1965, http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

Capítulo II. A Identidade Crente no Contexto das Novas Gerações: Uma Nova Paisagem Sociorreligiosa

Ao longo das últimas décadas, temos presenciado uma mudança de paradigma na comunidade em geral. O fator religioso tem vindo a sofrer várias alterações, evidenciando-se um afastamento dos mais jovens. Perante este fator, e pelas questões emergentes, apresentadas no final do primeiro capítulo, somos remetidos para alguns desafios, que nos fazem refletir sobre como está a suceder a transmissão da fé, qual o papel da família nessa tarefa, bem como compreender quais as modalidades de identificação dos mais jovens. Estas são as propostas de análise e de reflexão para o segundo capítulo.

1. Transmissão

A palavra «transmissão», proveniente do latim *transmittĕre*, significa «mandar além; transmitir». O uso do verbo transmitir, entre outros significados, pretende expressar: «enviar de um lugar a outro; fazer chegar a; conduzir; transportar; transferir para a posse de outrem; deixar aos descendentes; legar; dar a conhecer; passar conhecimentos; comunicar; referir (mensagens, informações)»⁶. Domingos Terra, perspetivando um olhar crente, refere que «o verbo “transmitir” significa “enviar de um lugar para outro”, “fazer chegar a”, “transferir para a posse de outrem”. Isto leva a pensar que a fé cristã é uma realidade que se transporta para aqueles que ainda a não conhecem». Assim, transmitir não significa automaticamente adesão, implica aprendizagem e apropriação. Portanto, podemos falar numa proposição, para que depois cada um possa torná-la sua⁷. Como em todas as coisas, o ser humano precisa de ser iniciado. É nesse sentido que, relativamente à transmissão da fé, é necessário fazer chegar ao outro uma mensagem, isto é, passar um testemunho, dando a conhecer para, de certo modo, deixar uma herança aos recetores da mensagem.

⁶ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/transmitir>, 22/03/2020, 17h40.

⁷ Cf. TERRA, Domingos – *A Gramática da Fé Cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015, p. 60.

Nos processos de transmissão, pode descobrir-se uma tensão entre saber e crer, mas estes não são incompatíveis, pois «não há contradição entre os dois modos de conhecer». No entanto, quando esta realidade é reduzida ao visível, «abandona-se a aventura do crer em prol da segurança do saber»⁸. Já para Santo Agostinho, crer era essencial para entender e entender era essencial para crer⁹. Experimentar a fé implica percorrer inúmeros caminhos, sendo esta uma fonte permanente de descoberta, pois abre perspectivas e levanta questões e, por essa via, vai-se refletindo e enriquecendo o conhecimento¹⁰.

1.1. Os contornos de uma mudança cultural

Num olhar sobre as mudanças que têm vindo a decorrer na vivência religiosa, pergunta-se se «Deus ainda tem futuro na e para a Humanidade?»¹¹. Entre 2005 e 2012, no mundo, o peso relativo de pessoas religiosas decresceu, aumentando, assim, o número de pessoas sem religião. A crise, que afeta a pertença religiosa, acentua-se entre os jovens. A modernidade levou a pensar que o desenvolvimento levaria ao fim da religião e que, por isso, Deus «teria os dias contados»¹².

Em Portugal, no final do século XX e no século XXI, a situação religiosa viveu diferentes fases, tendo surgido «diversas sensibilidades e distintas formas de atuação em relação à questão religiosa»¹³. A mudança na Igreja Católica portuguesa aconteceu em 1974, estando já envolvida «num processo de transformação interna, iniciada durante o Marcelismo»¹⁴. As modificações ocorrem também em outras vertentes religiosas já presentes em Portugal, que ganham novo destaque com esta mutação do sentido do religioso. Tudo isto resulta numa profunda alteração da sociedade, levando a que haja uma diminuição da prática dominical e se inicie a adesão aos Novos Movimentos Religiosos, de modo a que haja possibilidade de questionar os modos de crer tradicionais e uma abertura a estes movimentos – iniciando no

⁸ TERRA, Domingos – *A Gramática da Fé Cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, fevereiro 2015, p. 94.

⁹ Cf. TERRA, Domingos – *A Gramática da Fé Cristã*, p. 96.

¹⁰ Cf. TERRA, Domingos – *A Gramática da Fé Cristã*, p. 107.

¹¹ BORGES, Anselmo – «Introdução: Deus ainda tem futuro?». *Deus Ainda Tem Futuro?*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2014, p. 15.

¹² WILLAIME, Jean-Paul – «As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea». *Deus Ainda Tem Futuro?*, pp. 23-24.

¹³ DUQUE, Eduardo – *Mudanças Culturais, Mudanças Religiosas – Perfis de tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2014, p. 7.

¹⁴ MONTEIRO, Teresa Líbano – «Dinâmica Social e religião». *Identidades Religiosas em Portugal. Ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2012, p. 69.

litoral e centros urbanos, mas que com o passar do tempo começa a espalhar-se por todo o território¹⁵.

Comparando os valores obtidos no levantamento realizado em 2011 com dados de 1999, verifica-se que, em Portugal, 8,2% dos habitantes não tinham religião em 1999, sendo que, em 2011, esse valor alcançou os 14,2%¹⁶. Constata-se também um decréscimo na percentagem de católicos, de 86,9% para 79,5%, e um aumento nas outras confissões religiosas, de 2,7% para 5,7%¹⁷.

A alteração de paradigma apresentou um aumento do número de pessoas sem religião. Segundo o estudo realizado pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião e o Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa, em 2012, as razões para não ter religião concentram-se em três categorias: autonomia, convicção e desinteresse. A autonomia diz respeito à não concordância, essencialmente, com a doutrina e com as regras morais. A convicção e o desinteresse levam a que não se pertença a nenhuma religião¹⁸. No fundo, os sem religião não sentem uma ligação com qualquer uma delas¹⁹. Verificou-se também que a maioria das pessoas que não está integrada numa tradição religiosa foi «socializada num estilo de vida de que não fazia parte a pertença religiosa»²⁰.

Tendo em conta as transformações que ocorreram na sociedade portuguesa na última década, através do estudo é também possível concluir que, se isolarmos o conjunto dos não crentes no total da amostra, a maior percentagem está na região de Lisboa e Vale do Tejo (55,2%). De facto, esta é a área que apresenta maior diversidade religiosa, no que à pertença ou não pertença diz respeito²¹. Face ao exposto, o estudo apurou ainda que os não crentes, crentes sem religião ou pertencentes a outras religiões que não a católica, residem predominantemente nas localidades urbanas e semiurbanas²².

¹⁵ Cf. MONTEIRO, Teresa Líbano – «Dinâmica Social e religião». *Identidades Religiosas em Portugal. Ensaio interdisciplinar*, pp. 70-72.

¹⁶ TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas. Relatório apresentado na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, Fátima 16 a 19 de abril de 2012*. Centro de Estudos de Religiões e Culturas, 2012.

Quando se faz referência, neste estudo, àqueles que não professam nenhuma religião, designados por sem religião, estão contemplados os indiferentes, os agnósticos, os ateus e os crentes sem religião.

¹⁷ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 7.

¹⁸ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 8.

¹⁹ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 26.

²⁰ TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 27.

²¹ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 9.

²² Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 12.

No que à fé dos jovens diz respeito, Armando Matteo, na obra *A Primeira Geração Incrédula: A difícil relação entre os jovens e a fé*, refere que, no Ocidente, estamos diante de uma geração incrédula, «que não se põe contra Deus nem contra a Igreja, mas uma geração que está a aprender a viver sem Deus e sem a Igreja»²³. Esta tem uma razão de existir, pois é um grupo ao «qual ninguém narrou nem testemunhou a força, a beleza, a importância humana da fé; de uma geração que ninguém ajudou a desenvolver o sentido da transcendência, da invocação, do desejo, da criaturalidade, da oração, da comunidade». Isto sucedeu porque, durante muito tempo, a transmissão da fé acontecia em casa, na família, e não na Igreja²⁴. Só depois de se consolidar a fé em casa é que se partia para as atividades na comunidade²⁵. Assim, pode dizer-se que os jovens não vivem o ateísmo clássico, mas apenas se habituaram a um viver «sem Deus de quem deixou de ter antenas para Ele». O jovem deixou de «ter antenas para Deus e para a Igreja: é esta a condição de muitos contemporâneos»²⁶.

Começamos a perceber que a família era, até há poucas décadas, um forte meio de transmissão da fé e que sem essa passagem de testemunho para os mais jovens, sem a memória, a fé apresenta algumas dificuldades de sobrevivência. A socióloga Danièle Hervieu-Léger, em *O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento*, refere que, «de uma maneira geral, a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração a outra é, para qualquer sociedade, a condição da sua sobrevivência no tempo»²⁷.

Tendo em conta a necessidade de transmissão, que se compreende que tem falhado, Hervieu-Léger fala em «fraturas culturais»²⁸, identificando que existe um grande afastamento das culturas das diferentes gerações. Esta rutura afeta substancialmente «as identidades sociais, a relação com o mundo e as capacidades de comunicação dos indivíduos»²⁹. Estamos perante uma nova visão do mundo e da ordem das coisas, verificando-se uma quebra com a memória, com o que as gerações mais velhas relatam ou tentam transmitir. Armando Matteo reforça esta ideia, falando igualmente na interrupção da transmissão da fé ao longo das últimas décadas, salientando que os ensinamentos para viver em sociedade se distanciam cada vez mais dos

²³ MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013, p. 33.

²⁴ Cf. MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula*, p. 34.

²⁵ Cf. MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula*, p. 35.

²⁶ MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula*, p. 31.

²⁷ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 65.

²⁸ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 66.

²⁹ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 66.

ensinamentos associados à crença, sendo que a catequese não passa de uma etapa de crescimento³⁰.

Apesar de existirem jovens tradicionalistas/conservadores, ou outros mais voltados para rituais mágicos, muitos jovens são caracterizados pela indiferença religiosa. Verifica-se que «os pais não transmitem já a fé nem [os] iniciam na prática religiosa». Verifica-se que este fenómeno acontece por todo o planeta, coincidindo com «as tendências consumistas, as novas tecnologias e os intercâmbios globais»³¹.

Afastados das práticas cristãs, os jovens demonstram que não têm vínculo à religião. Não se identificam com as posições da Igreja e, por isso, não se assumem nem como católicos nem como cristãos. Neste sentido, Armando Matteo destaca que, em Itália, os que nasceram após 1981 são menos crentes e menos ligados à estrutura religiosa³². Nos jovens adultos, verifica-se que a incredulidade resulta da incompreensão da relação entre o crescimento e a fé, bem como das orientações que a mensagem do Evangelho dá para viver no mundo³³.

A crise religiosa, que na Europa se acentuou a partir da década de 1960, decorre do posicionamento das gerações adultas, e não apenas do perfil dos *millennials*. O investimento na organização da iniciação cristã, levou os pais a remeter essa tarefa para segundo plano. Os pais dos atuais jovens adultos pertencem à geração dos *babyboomers*, tendo experienciado a mudança no que ao modo de viver diz respeito, podendo negar uma pertença religiosa³⁴. No entanto, certamente que estes pais pediram para os seus filhos os sacramentos e os levaram à Igreja, mas faltou dar o testemunho pessoal, o que fez com que os jovens não entendessem ou conseguissem integrar a fé na idade adulta. Este vazio de formação religiosa no ambiente familiar é uma questão que não terá sido refletida na comunidade crente³⁵. Também o fraco envolvimento comunitário, nas últimas décadas, dificultou e dificulta a transmissão religiosa³⁶.

Diante das rápidas transformações verificadas nas sociedades, coloca-se em risco o lugar do religioso, estando presente o «desafio de encontrar o espaço certo para Deus nas

³⁰ Cf. MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula: millennials y fe». *Concilium*, 360 (2015) p. 315.

³¹ LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana. ¿Hacia una dinámica de coeducación intergeneracional en la Iglesia católica?». *Concilium*, 360 (2015) p. 203.

³² Cf. MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula: millennials y fe» *Concilium*, 360 (2015) p. 313.

³³ Cf. MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula: millennials y fe», p. 314.

³⁴ Cf. MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula: millennials y fe», p. 318.

³⁵ Cf. MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula: millennials y fe», p. 319.

³⁶ Cf. TEIXEIRA, Alfredo (coord.) – *Identities Religiosas na Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018, p.183.

sociedades democráticas respeitando os direitos de cada um, de cada uma, tendo em conta a pluralidade das religiões e das convicções não religiosas»³⁷.

1.2. Transmissão ou opção?

A secularização levou a que a religião fosse transportada para a esfera particular, apresentando-se fora da esfera pública³⁸. Isto conduz à passagem de uma religião herdada para uma religião escolhida, ou seja, cada um escolhe o espaço em que quer participar e socializar, mais do que pertencer³⁹.

Recorrendo ao estudo publicado em 2012 pela Universidade Católica Portuguesa, no que à fé católica diz respeito, muitos foram socializados pelos seus pais na prática religiosa, nomeadamente, a «presença regular na assembleia dominical», tendo sido um auxílio na construção da sua identidade crente⁴⁰. No entanto, ao longo da adolescência e até se tornar jovem adulto, verifica-se uma diminuição na participação nos rituais religiosos nesta faixa etária⁴¹.

A transmissão religiosa tem fragilidades, pois para além de existir, de uma forma geral, um desinteresse por parte dos jovens, também os adultos que procuram realizar essa tarefa falham, pois, atualmente, a questão religiosa é vista como uma opção do foro privado, afetando somente o indivíduo. Deixar os filhos fazerem a sua escolha religiosa, leva-nos a questionar se não serão os próprios pais que estão a descartar-se da tarefa da transmissão. Ao mesmo tempo, optar incentiva o indivíduo a procurar a sua própria identidade, «para além de toda a identidade herdada ou prescrita»⁴². «Dá-se conta de que a busca da verdade coincide com a busca de si mesmo»⁴³. Esta procura pode levar muitos anos. Para alguns jovens, «a intensidade da busca pode conduzir ao seu contrário, o sentimento do vazio»⁴⁴. Verifica-se que a juventude é uma etapa da vida onde se constata tormentos e fragilidades, onde se aproxima «a promessa de

³⁷ WILLAIME, Jean-Paul – «As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea». *Deus Ainda Tem Futuro?*, p. 22.

³⁸ Cf. WILLAIME, Jean-Paul – «As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea». *Deus Ainda Tem Futuro?*, p. 27.

³⁹ Cf. WILLAIME, Jean-Paul – «As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea». *Deus Ainda Tem Futuro?*, pp. 36 e 38.

⁴⁰ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identities religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas. Relatório apresentado na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, Fátima 16 a 19 de abril de 2012*. Centro de Estudos de Religiões e Culturas, 2012, p. 27.

⁴¹ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identities religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 28.

⁴² HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 68-69.

⁴³ Cf. LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana», p. 197.

⁴⁴ LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana», p. 198.

encontrar-se e a ameaça de se perder»⁴⁵. A juventude é uma idade de «busca, de questionamento e de exploração»⁴⁶.

Ao falarmos em transmissão da fé, é preciso tomar consciência de que não se pode exigir que os filhos apresentem uma vivência igual à dos pais, pois não é disso que depende o sucesso da transmissão, porque «a mudança cultural não cessa de agir, inclusive nas sociedades regidas pela tradição. Não há, nesse sentido, transmissão sem que haja ao mesmo tempo “crise de transmissão”»⁴⁷. Com uma nova realidade, a transmissão da fé apresenta novos desafios e, por isso, pode entrar em crise.

1.3. Memória

Fazer memória é mais do que transmitir e manter igual o que foi recebido de outros.

Hervieu-Léger refere que na transmissão da fé é essencial que não haja a perda da memória, mas que esta seja unificada com a atualidade das pessoas. Olhando, por exemplo, para os rituais de uma religião, estes cruzam a tradição com o presente, fazendo memória do passado, todavia reconstruindo-a na atualidade. No entanto, verifica-se que as sociedades atuais têm cada vez menos presente a memória, pois vivem do imediato. A perda da memória conduz as comunidades a diversas mudanças que poderão colocar em causa as perspetivas de futuro sobre as mesmas⁴⁸.

A socióloga aponta para o facto de que «em todas as sociedades, a continuidade assegura-se sempre na e pela mudança. E esta mudança opõe inevitavelmente as novas gerações às antigas»⁴⁹. Isto significa que, apesar das diferentes perspetivas das gerações, sucederão transformações ao exercer a transmissão. No entanto, a mutação dá continuidade, estando em unidade com a questão da identidade, que não coloca em causa a memória testemunhada.

No nº 122 da *Evangelii Gaudium (A Alegria do Evangelho)*⁵⁰, quando o Papa Francisco aborda a questão na inculturação dos povos, refere que «a cultura é algo de dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar face aos

⁴⁵ LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana», p. 199.

⁴⁶ LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana», p. 202.

⁴⁷ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 66.

⁴⁸ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 70-71.

⁴⁹ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 66.

⁵⁰ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

próprios desafios». Deste modo, menciona que, através da transmissão de uma memória, está a ser pai e filho dessa mesma herança, pois a transmissão decorrerá de «maneira sempre nova», dando «testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si». O mesmo sucede ao transmitir uma memória às gerações mais novas. «Trata-se de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo» (*Amoris Laetitia*, nº 122).

Apesar da mudança de paradigma, de algum modo, as pessoas podem manter-se ligadas a uma tradição religiosa, embora «o peso do religioso como obrigação diminuiu, mas o seu lugar enquanto memória e referência pode sofrer moldagens diversas»⁵¹. Podemos associar este comportamento ao sentido de comunidade, pois «toda a religião implica de facto uma mobilização específica da memória coletiva»⁵².

2. Família

Quando se faz referência à família e à transmissão da fé, é preciso olhar para o contexto atual, onde verificamos um afastamento do religioso por parte dos pais, bem como a sobrecarga laboral exigida às gerações atuais, que colocam em causa o tempo que os pais passam com os seus filhos, deixando, muitas vezes, a questão religiosa para segundo plano.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (*A Alegria do Amor*), refere que faz parte do percurso educativo de um filho receber dos pais um testemunho de fé. No entanto, destaca que este caminho apresenta dificuldades devido às exigências de hoje, uma vez que se vive um dia-a-dia muito agitado, apresentando-se fragilidades no que à conciliação da gestão do tempo entre os deveres laborais e familiares diz respeito. Perante este novo panorama social, o Papa destaca que «a família deve continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo», porque os pais «são instrumentos de Deus para a sua [dos filhos] maturação e desenvolvimento» (*Amoris laetitia*, nº 287)⁵³.

Quando o estudo da Universidade Católica Portuguesa se refere à instrução religiosa, os pais continuam a sentir-se responsáveis por ela, referindo igualmente a importância da catequese. Neste tópico, os crentes sem religião são os que apresentam a maior percentagem de

⁵¹ TEIXEIRA, Alfredo – *Religião na Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019, pp. 94-95.

⁵² HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 69.

⁵³ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html (287), 8/02/2020, 16h38.

confiança na instrução religiosa através da escola⁵⁴. Também um estudo sobre a área metropolitana de Lisboa revela que dois terços da população estudada (amostra) teve algum tipo de ensino religioso na escola, considerando-se que este é um contributo para a literacia religiosa⁵⁵.

2.1. Dificuldades e ruturas

No nº 70 da *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco menciona que «não podemos ignorar que, nas últimas décadas, se produziu uma rutura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico». O Papa destaca que esta situação se deve a uma certa desilusão, deixando de «se identificar com a tradição católica». Aqui, remete o seu olhar para as famílias, realçando a diminuição do número de pais que batizam os seus filhos, «nem os ensinam a rezar, e que há um êxodo para outras comunidades de fé». Neste sentido, o Pontífice aponta algumas das causas desta rutura:

«[A] falta de espaços de diálogo familiar, a influência dos meios de comunicação, o subjetivismo relativista, o consumismo desenfreado que o mercado incentiva, a falta de cuidado pastoral pelos mais pobres, a inexistência dum acolhimento cordial nas nossas instituições, e a dificuldade que sentimos em recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista» (*Evangelii gaudium*, nº 70).

Armando Matteo afirma que a desafetação dos mais jovens relativamente à fé cristã é um dos traços mais salientes do tempo presente:

«[O]s jovens não receberam informação nenhuma acerca da verdadeira conveniência da fé, não sabem por que razão deveriam crer ou por que razão deveriam rezar. Como resultado, abandonam a Igreja mal recebem o sacramento do Crisma, mantêm-se à devida distância das paróquias e dos oratórios mal se largam as malhas da custódia familiar, não se preocupam com o seu analfabetismo cristão, arrumando em lugar seguro o Evangelho ou a Bíblia adquiridos na catequese. Não se apercebem, por fim, da íntima necessidade de celebrar o dia do Senhor como momento para recolher e relançar a grande aventura que é a vida de cada um de nós. Ninguém os ajudou a desenvolver, no seu coração, antenas para Deus. São incrédulos, pura e simplesmente incrédulos»⁵⁶.

A falta de enraizamento, por não terem recebido como herança uma transmissão da fé consistente, leva a que os jovens se desinteressem, afastando-se da religião quando atingem maturidade e autonomia.

⁵⁴ Cf. TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas*, p. 31.

⁵⁵ TEIXEIRA, Alfredo (coord.) – *Identidades Religiosas na Área Metropolitana de Lisboa*, p.14.

⁵⁶ MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula*, p. 36.

Uma Igreja que «não ensina a crer, que não ensina a rezar, não pode suscitar muito interesse à primeira geração incrédula do Ocidente, a qual, de facto, nada faz para ocultar o seu tão pouco interesse por ela»⁵⁷. Por isso, é necessário que as paróquias, bem como as associações e movimentos, sejam «lugares onde se aprenda a acreditar e onde se aprenda a rezar. Lugares onde se possa decidir crer. Lugares onde se gere a fé». Precisam de ser lugares onde se coloca à prova a fé, onde possam concretizar-se os laboratórios de fé desejados pelo Papa João Paulo II. «A fé já não é uma opção hereditária, mas uma decisão que deve ser preparada e promovida»⁵⁸. Os resultados dos estudos sociológicos dão conta que as expressões religiosas juvenis estão, frequentemente, em rutura com os modos tradicionais de vivência religiosa: há compromisso com serviços e projetos; valorizam-se momentos e a festa (sentimento de unidade); a família dá lugar à rede (amizade)⁵⁹.

2.2. Propor o religioso

Só é possível realizar a transmissão da fé, se os pais realizarem e demonstrarem aos seus filhos a «experiência real de confiar em Deus». Só a experiência pessoal fundamentará a transmissão da fé realizada pelos pais aos seus filhos (cf. *Amoris laetitia*, nº 287)⁶⁰.

Sobre a transmissão da fé às gerações mais jovens, o Papa alude que «não somos proprietários do dom, mas seus solícitos administradores» (*Amoris laetitia*, nº 287). Isto significa que não escolhemos ser ou não crentes, pois é um dom que é dado ao ser humano. No entanto, é um dom que pode ser descoberto ou desenvolvido a partir da fé transmitida pela família, propondo-se um caminho, que pelo testemunho, pode ser desenvolvido. «Os pais, que querem acompanhar a fé dos seus filhos, estão atentos às suas mudanças, porque sabem que a experiência espiritual não se impõe, mas propõe-se à sua liberdade» (*Amoris laetitia*, nº 288).

Não existem receitas para a transmissão da fé, seja em que contexto for. O Papa aborda a necessidade de, dar a conhecer às crianças, desde tenra idade, os «símbolos, gestos e narrações». Para os adolescentes, sugere que, ao invés de serem apresentadas as normas, devem dar-se a conhecer testemunhos de pessoas que pela fé viveram uma vida bela (cf. *Amoris laetitia*, nº 288).

⁵⁷ MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula*, p. 54.

⁵⁸ MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula*, pp. 62-63.

⁵⁹ Cf. LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana», p. 202.

⁶⁰ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, 8/02/2020, 16h38.

Apesar de no contexto religioso não existirem receitas ou imposição neste processo de transmissão, o Papa Francisco, no nº 242 da *Christus Vivit (Cristo Vive)*, deixa algumas advertências. Destaca que «os jovens precisam de ser respeitados na sua liberdade, mas necessitam também de ser acompanhados». O Papa considera que é na família que deve suceder o «primeiro espaço de acompanhamento», pois nela encontram as bases para a vivência em comunidade (cf. *Christus vivit*, nº 242)⁶¹.

3. Modalidades de Identificação no Contexto das Gerações Mais Jovens

Até ao momento, fomos verificando que muitos pais não realizam um processo de transmissão da sua herança religiosa aos filhos. Atualmente, há pais que dão aos filhos a possibilidade de fazer as suas próprias escolhas no que ao religioso diz respeito. Essa opção implica, além de liberdade de escolha, a responsabilidade de fazer a sua própria investigação sobre a diversidade religiosa.

O facto de não existir uma proposta por parte da família, dá espaço ao jovem para explorar, o que, por sua vez, o poderá levar a encontrar uma nova forma de viver o religioso, saindo do paradigma tradicional, da transmissão de pais para filhos.

O jovem, ao deparar-se com a multiplicidade religiosa, poderá encontrar nas várias religiões pontos com os quais se identifique, podendo vir a incorporar o conceito de Danièle Hervieu-Léger, a *bricolage* do religioso. Partindo deste conceito, os que fazem este percurso de procura e de experiência da pluralidade do religioso, são incentivados a «produzir eles próprios o relacionamento com a linhagem crente em que se reconhecem». Deste modo, já não podemos falar na transmissão de uma herança religiosa, pois cada um constrói a sua «própria identidade socioreligiosa», conforme as experiências vividas⁶².

3.1. Processos de identificação religiosa

Perante os parâmetros atuais, a crença implica aquilo em que o indivíduo acredita, a socialização e o meio envolvente. Deste modo, a transmissão religiosa não pode ser conferida a partir de uma instituição, mas a partir do indivíduo⁶³.

⁶¹ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html, 8/02/2020, 17h23.

⁶² Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 72-73.

⁶³ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 73.

Com base no exposto, de modo a poder-se agrupar os processos de identificação religiosa de um indivíduo, Hervieu-Léger apresenta quatro dimensões de identificação:

- **Dimensão comunitária** – diz respeito aos fatores de pertença, onde se verificam marcas sociais, que permitem distinguir se uma pessoa pertence ou não a um grupo religioso. Como exemplo, poderemos considerar o facto de uma pessoa ser ou não batizada ou circuncidada;
- **Dimensão ética** – refere-se aos valores, estando cada vez menos dependente da questão religiosa ou de uma ligação a uma comunidade crente;
- **Dimensão cultural** – alude ao património, não havendo necessidade de aderir a uma religião para se identificar com este. Esta dimensão está vinculada aos elementos simbólicos e do saber como, por exemplo, os rituais ou doutrinas do grupo;
- **Dimensão emocional** – é a experiência afetiva relacionada com a identificação⁶⁴.

Quando um indivíduo concorda com todas as dimensões apresentadas anteriormente num determinado contexto religioso, significa que aceita uma religião:

«[C]onstruem-se identidades confessionais quando a identificação com uma tradição religiosa particular implica a aceitação das condições de identidade (comunitárias, éticas, culturais e emocionais) fixadas – ou pelo menos delimitadas – pela instituição que se apresenta como o seu garante. Neste caso – durante muito tempo o mais recorrente – a articulação destas quatro dimensões é regulada pela própria instituição. É ela em particular que assegura, pelo menos idealmente, a manutenção de um equilíbrio entre as lógicas contraditórias que colocam estas dimensões em tensão entre si»⁶⁵.

3.2. Perfis religiosos

A socióloga Hervieu-Léger procurou identificar alguns perfis religiosos. A partir de alguns inquéritos realizados, foi possível identificar seis «percursos típicos do cristianismo»⁶⁶ que passo, de seguida, a apresentar:

- **Cristianismo afetivo** – resultante, por exemplo, da participação nas Jornadas Mundiais da Juventude, em que nem todos os participantes «apresentam perfis

⁶⁴ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 74-76.

⁶⁵ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 77.

⁶⁶ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 84.

de jovens católicos identificando-se claramente como tais». Existe uma diversidade de referências cristãs, com maior ou menor sentido de procura espiritual. Neste tipo, para os que não se afirmam como católicos, deparam-se com o sentimento de pertença a um grupo, «pertença comunitária», ainda que esse seja o sentir do momento, que surge por meio da «intensificação emocional»⁶⁷;

- **Cristianismo patrimonial** – decorre da congregação das dimensões cultural e comunitária, que consciencializam a pertença a uma comunidade e a posse de uma herança proporcionada pela cultura. Em alguns momentos, verifica-se que há um esforço por preservar os valores que estão associados à cultura, no entanto, não se verifica um compromisso nem uma crença associada⁶⁸;
- **Cristianismo humanitário** – cruzamento das dimensões ética e emocional, que reage à injustiça e incentiva à resolução de problemas através da prática da caridade, «para privilegiar as ações concretas mais do que o compromisso militante». Independentemente de ser uma instituição confessional ou não, o que importa aos que integram este perfil, é a ação baseada na compaixão e na solidariedade⁶⁹;
- **Cristianismo político** – é um perfil militante, que apresenta uma identidade católica reivindicativa, que visa agir na cena pública⁷⁰;
- **Cristianismo humanista** – congrega as dimensões cultural e ética, que permite que exista uma identificação do indivíduo com o cristianismo, mas que dispensa a integração numa comunidade. Neste perfil, são destacados os valores universais que o cristianismo transmite, podendo ser descuradas, ou mesmo ignoradas, as crenças que esta contém⁷¹;
- **Cristianismo estético** – combina as dimensões cultural e emocional, onde está presente a «carga simbólica» dos lugares que apresentam espiritualidade. Assim, este perfil baseia-se na arte e na arquitetura deixadas pela história religiosa. É

⁶⁷ HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 84-85.

⁶⁸ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 85-87.

⁶⁹ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 87.

⁷⁰ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, pp. 87-88.

⁷¹ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 88.

uma adesão a uma crença, embora seja pouco explícita, e é necessário aprofundá-la⁷².

Os perfis apresentados não são estanques, revelando flexibilidade. Verifica-se que estes são reflexo do religioso presente nas sociedades modernas, que «está em movimento»⁷³.

3.3. Relação das gerações mais jovens com a Igreja Católica

Ao abordarmos as formas de identificação dos mais jovens, é necessário analisar a relação entre os jovens e a Igreja Católica, bem como procurar entender os apelos provenientes de cada uma das partes.

O Papa Francisco, em *Christus Vivit (Cristo Vive)*, destaca que, para muitos jovens, «Deus, a religião e a Igreja não passam de palavras vazias». No entanto, os jovens revelam sensibilidade à «figura de Jesus, quando ela é apresentada de modo atraente e eficaz». Neste sentido, o Pontífice apela a uma Igreja que «não esteja demasiado debruçada sobre si mesma, mas procure sobretudo refletir Jesus Cristo». Assim, considera que existem coisas que devem ser objeto de mudança, sendo necessário escutar a visão e as críticas dos mais jovens à Igreja (cf. *Christus vivit*, nº 39).

O Sínodo sobre os jovens, decorrido em outubro de 2018, reconheceu que existem vários motivos para que os jovens não se aproximem da Igreja, nem sintam necessidade de tal. Refere-se que «não a consideram significativa para a sua existência», ou que sentem a presença da Igreja como «importuna e até mesmo irritante». Entre algumas das situações sérias, que levam os jovens a afastar-se, o Papa destaca as seguintes:

«Os escândalos sexuais e económicos; a falta de preparação dos ministros ordenados, que não sabem reconhecer de maneira adequada a sensibilidade dos jovens; pouco cuidado na preparação da homilia e na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens no seio da comunidade cristã; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual» (*Christus vivit*, nº 40).

No nº 41 da *Christus vivit*, o Papa expõe:

«Embora haja jovens a quem agrada ver uma Igreja que se manifesta humildemente segura dos seus dons e também capaz de exercer uma crítica leal e fraterna, outros jovens reclamam uma Igreja que escute mais, que não passe o tempo a condenar o mundo. Não querem ver uma Igreja calada e tímida, mas tão-pouco desejam que esteja sempre em guerra por dois ou três assuntos que a obcecaram. Para ser credível aos olhos dos jovens,

⁷² Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 89.

⁷³ Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido*, p. 89.

precisa às vezes de recuperar a humildade e simplesmente ouvir, reconhecer, no que os outros dizem, alguma luz que a pode ajudar a descobrir melhor o Evangelho. Uma Igreja na defensiva, que perde a humildade, que deixa de escutar, que não permite ser questionada, perde a juventude e transforma-se num museu. Como poderá uma Igreja assim receber os sonhos dos jovens? Embora possua a verdade do Evangelho, isto não significa que a tenha compreendido plenamente; antes, deve crescer sempre na compreensão deste tesouro inesgotável» (*Christus vivit*, nº 41).

Perante o exposto, compreende-se que os jovens se indignem com situações de abuso sobre as pessoas, que exijam maior preparação dos sacerdotes e que gostariam de sentir que têm um papel ativo, sendo escutados e considerando-se o seu parecer. Apontam ainda a necessidade de conseguir expressar um fundamento sobre a ética e a doutrina apresentada pela Igreja, tendo em conta a sociedade atual, e gostariam de ver uma Igreja interventiva, que não esteja presente para condenar, mas sim para uma ação social a vários níveis. No fundo, o que os jovens solicitam é, de um modo geral, coerência entre o que é dito e o que é realizado pelos vários intervenientes da Igreja.

Quando o Papa Francisco fala da pastoral juvenil na *Christus vivit*, alerta, de modo especial, para «os jovens que não cresceram em famílias ou instituições cristãs e estão num caminho de lenta maturação», com os quais deve ser trabalhado e estimulado o «bem possível». Neste contexto, apresenta a imagem do trigo e do joio, onde refere que, por vezes, tornamos o Evangelho abstrato e incompreensível, distanciado das culturas juvenis atuais, que se «adaptada só a uma elite juvenil cristã que se sente diferente, mas na verdade flutua num isolamento sem vida nem fecundidade». Significa, por isso, que é preciso tornar acessível a mensagem, para que não se corra o risco de, perante a incompreensão do que se pretende transmitir, que «milhares de rebentos que procuram crescer no meio das limitações» fiquem para trás (cf. *Christus vivit*, nº 232). A reflexão do Papa Francisco visa demonstrar que é preciso adequar a linguagem e as experiências aos jovens.

O Papa recomenda, ainda:

«Em vez de sufocá-los [aos jovens] com um conjunto de regras que dão uma imagem redutora e moralista do cristianismo, somos chamados a investir na sua audácia, educando-os para assumir as suas responsabilidades, certos de que também o erro, o falimento e a crise são experiências que podem revigorar a sua humanidade» (*Christus vivit*, nº 233).

Significa que mais do que transmitir e inculcar regras, junto dos jovens devemos educar para a responsabilidade. E perante o erro, ajudá-los a aprender com o mesmo e a crescer. No

Sínodo dos Bispos de 2018, ao pronunciar-se sobre a pastoral juvenil, fez-se referência à necessidade de incluir os jovens:

«No Sínodo, exortou-se a construir uma pastoral juvenil capaz de criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todo o tipo de jovens e onde se manifeste, realmente, que somos uma Igreja com as portas abertas. Não é necessário sequer que uma pessoa aceite completamente todos os ensinamentos da Igreja para poder participar em alguns dos nossos espaços dedicados aos jovens. Basta uma atitude aberta para com todos os que tenham o desejo e a disposição de se deixar encontrar pela verdade revelada por Deus. Algumas propostas pastorais podem supor um caminho já percorrido na fé, mas precisamos duma pastoral juvenil popular que abra as portas e dê espaço a todos e cada um com as suas dúvidas, traumas, problemas e a sua busca de identidade, com os seus erros, suas histórias, suas experiências do pecado e todas as suas dificuldades» (*Christus vivit*, nº 234).

Este número destaca a necessidade da Igreja estar de portas abertas a todos, independentemente do jovem ser crente e de aceitar os ensinamentos da Igreja de forma integral. É fundamental criar espaços onde os jovens possam expressar as suas dúvidas e procurarem-se/encontrarem-se a si mesmos.

Em *Christus vivit*, nº 235, abordou-se a necessidade de haver espaço também para «todos aqueles que têm outras visões da vida, professam outras crenças ou se declaram alheios ao horizonte religioso. Todos os jovens, sem excluir nenhum, estão no coração de Deus e, conseqüentemente, também no coração da Igreja». Criar espaços de diálogo e de reflexão onde haja lugar para todos, nem sempre sucede. Refere-se que «muitas vezes ficamos fechados nos nossos ambientes, onde a voz dos outros não chega, ou dedicamo-nos a atividades menos exigentes e mais gratificantes, sufocando aquela sã inquietação pastoral que nos faz sair das nossas supostas seguranças». É fundamental que as pessoas se inquietem, ou seja, se questionem, pois essa atitude conduz a um maior aprofundamento das suas crenças. Este número termina destacando a ousadia do Evangelho, que desafia a ser testemunha do «amor do Senhor e estendendo a mão a todos os jovens do mundo inteiro» (*Christus vivit*, nº 235).

A *Christus vivit* foi um impulso para que a Igreja procurasse ir verdadeiramente ao encontro dos jovens. No decorrer do texto, para além de se apresentarem os motivos que levam os jovens a aproximar-se ou a afastar-se da Igreja, o Papa vai fazendo vários apelos aos mais jovens. No número 143, faz um apelo a que sejam jovens ativos nos ambientes em que estão presentes e não apenas observadores do mundo:

«Jovens, não renunciéis ao melhor da vossa juventude, não fiquéis a observar a vida da sacada. Não confundais a felicidade com um sofá nem passeis toda a vossa vida diante

dum visor. E tão-pouco vos reduzais ao triste espetáculo dum veículo abandonado. Não sejais carros estacionados, mas deixai brotar os sonhos e tomai decisões. Ainda que vos enganeis, arriscaí. Não sobrevivais com a alma anestesiada, nem olheis o mundo como se fôsseis turistas. Fazei-vos ouvir! Lançai fora os medos que vos paralisam, para não vos tornardes jovens mumificados. Vivei! Entregai-vos ao melhor da vida! Abri as portas da gaiola e saí a voar! Por favor, não vos aposenteis antes do tempo» (*Chistus vivit*, nº 143).

Mais à frente, pensando naquilo que a Igreja pede aos jovens, o Papa recorda que os jovens não vivem a vida do mesmo modo que os adultos e, por isso, precisam de momentos diversificados. Neste sentido, quando se aborda a congregação dos jovens, o Pontífice faz referência a uma pastoral juvenil mais flexível, «convidando os jovens para acontecimentos que, de vez em quando, lhes proporcionem um espaço onde não só recebam uma formação, mas lhes permitam também compartilhar a vida, festejar, cantar, escutar testemunhos concretos e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo» (*Chistus vivit*, nº 204).

Os jovens, ao serem acompanhados num percurso de fé, desejam que a pessoa que a orienta seja comprometida com a Igreja e com o mundo, que escute as suas necessidades, que seja capaz de reconhecer os seus próprios erros e limites. O objetivo de ter um acompanhamento, é ajudar o jovem a fazer um percurso, incentivando-o a fazer as suas próprias reflexões e escolhas:

«Estes guias deveriam possuir algumas qualidades: ser um cristão fiel comprometido na Igreja e no mundo; uma tensão contínua para a santidade; não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens; responder com gentileza; conhecer-se; saber reconhecer os seus limites; conhecer as alegrias e as tribulações da vida espiritual. Uma qualidade de primária grandeza é saber reconhecer-se humano e capaz de cometer erros: não perfeitos, mas pecadores perdoados. Acontece frequentemente que os guias são colocados num pedestal e por isso, quando caem, provocam um impacto devastador na capacidade que os jovens têm de se comprometer na Igreja. Os guias não deveriam levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho. Deveriam respeitar a liberdade do processo de discernimento de um jovem, fornecendo-lhe os instrumentos para realizar adequadamente este processo. Um guia deveria confiar sinceramente na capacidade que tem cada jovem de participar na vida da Igreja. Por isso, um guia deveria cultivar as sementes da fé nos jovens, sem pressa de ver os frutos do trabalho que vem do Espírito Santo. Este papel não deveria ser circunscrito aos presbíteros e aos religiosos, mas também o laicado deveria poder exercê-lo. Todos estes guias deveriam poder beneficiar duma boa formação permanente» (*Chistus vivit*, nº 246).

3.4. Oportunidades de encontro entre Igreja e os jovens

Em conformidade com a reflexão apresentada ao longo deste capítulo, concluímos que vivemos tempos de mudança, querendo os jovens ser ouvidos pelos mais velhos. Neste sentido, será positivo pedir aos mais jovens que contribuam com as suas reflexões e pontos de vista. É preciso dar-lhes a palavra e ir ao seu encontro⁷⁴. É deste modo que ajudaremos os jovens a realizar os apelos que o Papa Francisco lhes tem feito, incentivando-os a serem protagonistas, ativos, e não meros espectadores dos acontecimentos atuais⁷⁵.

Nas Jornadas Mundiais da Juventude de 2013, o Papa Francisco exortou os jovens a «sair, a ser ousados e a incomodar». Porque é na ousadia que «aprendemos a comprometer-nos com as causas importantes da sociedade, que também eram importantes para a Igreja»⁷⁶.

A sociedade e a Igreja reconhecem a importância do protagonismo juvenil, pois as organizações juvenis ajudam os jovens a desenvolver as suas competências, capacitando-os para a vivência na sociedade civil e na Igreja. São estes que farão o catolicismo contemporâneo sobreviver, sendo fundamental formá-los para a evangelização⁷⁷. Esta participação dos jovens relaciona-se com a sua implicação na tomada de decisão⁷⁸. Ver o mundo com os olhos dos jovens, dá possibilidade à Igreja de ir ao encontro do que é novo, vendo as coisas numa perspetiva nova, procurando novos caminhos⁷⁹.

As redes sociais são também uma oportunidade para as estruturas eclesiais se agregarem aos jovens, exercendo a tarefa evangelizadora, mas dando-lhes também espaço para se expressarem⁸⁰.

É preciso que a Igreja aproveite o potencial dos jovens, pois eles são os próprios apóstolos dos jovens, como disse o Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (EN 72). Nele pode verificar-se o compromisso, confiando nas suas ações⁸¹. A instituição, ao ter esperança nas camadas juvenis, é responsável por mantê-la, com todas as forças, porque a «Igreja olha o jovem como um membro ativo da sociedade e um valioso membro de si mesma, a que o jovem responde com fé e esperança»⁸². O Papa Bento XVI, em vários momentos, mencionou os jovens

⁷⁴ LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana», pp. 209-210.

⁷⁵ AHERN, Kevin – «De espectadores a protagonistas. Movimientos juveniles en una Iglesia global». *Concilium*, 360 (2015) p. 211.

⁷⁶ KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud», p. 252.

⁷⁷ AHERN, Kevin – «De espectadores a protagonistas», p. 212.

⁷⁸ AHERN, Kevin – «De espectadores a protagonistas», p. 223.

⁷⁹ KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud», pp. 261-262.

⁸⁰ AHERN, Kevin – «De espectadores a protagonistas», p. 221.

⁸¹ KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud», p. 255.

⁸² KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud», p. 256.

como sinal de esperança⁸³, e em 2013, o Papa Francisco disse aos jovens que não estão sós, pois comunidade eclesial acompanha-os⁸⁴.

A Igreja precisa de se comprometer com os jovens, de modo a ajudá-los e articular a fé com a vida no mundo e na cultura atual⁸⁵. Para isso, os adultos precisam de escutar as suas inquietações e, depois, falar-lhes numa linguagem que eles entendam, que lhes seja próxima⁸⁶.

⁸³ KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud», p. 258.

⁸⁴ KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud», p. 259.

⁸⁵ MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula», p. 320.

⁸⁶ MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula», p. 319.

Capítulo III. Proposta de Lecionação a Partir das Pedagogias Cooperativas

Desde o primeiro capítulo que manifestei o gosto, bem como o sucesso e os benefícios da realização de trabalhar com os alunos num registo de pedagogias cooperativas.

Segundo Richard I. Arends, a partir da obra *Aprender a Ensinar*, verificamos que para o século XXI são colocados desafios ao ensino: ensinar numa sociedade multicultural, ensinar para a construção do significado, ensinar para a aprendizagem ativa, ensino e responsabilidade, ensino e escolha, ensinar de acordo com as novas perspetivas sobre aptidões, ensino e tecnologia⁸⁷.

Arends assinala como principal objetivo do ensino o «ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados»⁸⁸.

1. Aprendizagem Cooperativa

É um método de ensino que «vai para além da ajuda aos alunos na aprendizagem de conteúdos e competências escolares contemplando importantes metas e objetivos sociais e de relações humanas»⁸⁹.

À semelhança de outros modelos de aula, também na aprendizagem cooperativa há diferentes tempos no desenvolvimento da mesma. Momentos que requerem escuta ativa, em que o aluno recolhe informação proveniente da exposição do docente, e outros em que executa fichas de trabalho ou participa em debates.

A particularidade deste método é que os objetivos são alcançados em conjunto com os colegas que constituem o grupo, resultante da congregação dos esforços de cada elemento.⁹⁰ Esta tipologia de aprendizagem «caracteriza-se por estruturas de ensino, de objetivos e de

⁸⁷ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*. Madrid: McGraw Hill, junho de 2008, p. 8.

⁸⁸ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 17.

⁸⁹ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 344.

⁹⁰ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 344.

recompensa cooperativas»⁹¹. Se o trabalho for desenvolvido de forma interdependente, o grupo partilhará a recompensa dos esforços realizados⁹².

O presente modelo tem três objetivos pedagógicos: «realização escolar, tolerância e aceitação da diversidade e desenvolvimento de competências sociais»⁹³.

Pelas suas características, apresenta benefícios tanto para os alunos com maior sucesso como para os alunos que apresentam maiores fragilidades, pois os primeiros orientam os segundos. Deste modo, os que apresentam melhor aproveitamento realizam um trabalho de orientadores, pelo que podem tirar proveito desta tipologia, uma vez que exige um maior aprofundamento na realização da tarefa⁹⁴.

Trabalhar em grupo propicia a valorização do outro, porque pessoas com diferentes experiências cooperam com vista a alcançar um mesmo objetivo, desenvolvendo estas capacidades necessárias para a vivência em sociedade⁹⁵. Esta é uma forma dos alunos desenvolverem a escuta ativa, o trabalho em equipa e o respeito pelo outro, pela sua experiência, diferença e perspetiva. Mediante os objetivos apresentados aos alunos pelo docente, cabe aos discentes, de forma colaborativa, definirem as estratégias de resolução da tarefa⁹⁶.

Este método salienta a aprendizagem através da experiência, sendo esta «responsável por grande parte do que as pessoas aprendem». A prática «traz discernimento, compreensão e técnicas que são difíceis de descrever a quem não tenha tido experiências semelhantes», porque a aprendizagem é mais eficaz quando «estamos pessoalmente envolvidos»⁹⁷. Verificou-se que «os seres humanos aprendem com as suas experiências e que a participação ativa em pequenos grupos ajuda os alunos a adquirirem competências sociais importantes, enquanto desenvolvem, simultaneamente, competências académicas e atitudes democráticas»⁹⁸.

Esta forma de aprendizagem é centrada no aluno, sendo uma metodologia exigente para o docente. É mais complexa do que as tarefas habituais, consistindo na explicação aos discentes sobre como executar este tipo de trabalho e fazer o acompanhamento do que está a ser executado pelos grupos, garantindo que estes estão a cooperar⁹⁹.

⁹¹ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, pp. 344-345.

⁹² ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 345.

⁹³ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 345.

⁹⁴ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 345.

⁹⁵ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 345.

⁹⁶ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 346.

⁹⁷ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, pp. 347-348.

⁹⁸ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 351.

⁹⁹ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 364.

Ensinar a cooperação é ajudar os alunos a desenvolver várias competências: sociais (partilha, participação), comunicação e grupo/equipa. Proporcionar tempos para que os alunos desenvolvam estas capacidades é tão válido e importante quanto ensinar conteúdos específicos¹⁰⁰.

No que à avaliação desta abordagem pedagógica diz respeito, deverá ter-se em conta o trabalho realizado e a cooperação existente entre os elementos¹⁰¹. A aplicação deste modelo, avalia não só o trabalho final, mas também os processos de aprendizagem e de colaboração dos alunos. Este modo de aprendizagem pode ser aplicado como substituto de outros instrumentos de avaliação mais comuns, estando o docente mais próximo do aluno, de modo a acompanhar a sua evolução.

2. Proposta de Planificação da Unidade Letiva «As Religiões»

Tendo por base o trabalho realizado na Escola Básica Damião de Góis, a reflexão resultante das práticas aplicadas em sala de aula e do aprofundamento da experiência religiosa, é apresentada, nas próximas páginas, considerando os benefícios da aprendizagem cooperativa, uma proposta de lecionação da Unidade Letiva 2 do 7ºano, «As Religiões».

A proposta que se segue apresenta uma planificação da Unidade Letiva em sete aulas, sendo igualmente disponibilizados os materiais utilizados, nomeadamente, fichas de trabalho e respetiva resolução, bem como PowerPoints. Para a aplicação da aprendizagem cooperativa na realização das fichas de trabalho, será utilizado como recurso, maioritariamente, o manual do aluno¹⁰².

¹⁰⁰ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, pp. 365-369.

¹⁰¹ ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*, p. 372.

¹⁰² AA VV – *Quero Saber! 7º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

2.1. Exploração do sentido e da função do religioso

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 1

Sumário: Início da Unidade Letiva 2: «As Religiões». Exploração do sentido de ser religioso e da sua função na vida pessoal e coletiva. Visualização e análise do vídeo “Série Juvenil – Episódio 2”.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Questionar a dimensão religiosa do ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> • O que é «ser religioso». • Ser religioso faz sentido. 	Acolhimento, Sumário e Introdução à Unidade Letiva.	Caderno do aluno. Computador	10 min	A professora observa nos alunos:
			Chuva de ideias sobre o que é ser religioso.	--	4 min	- a participação;
			Definição de religioso.	PowerPoint	5 min	- a compreensão;
			Diálogo sobre o significado dos sinais de trânsito.	PowerPoint	5 min	- a atenção;
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	2. Perceber qual a função da religião na vida das pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> • Função da religião na vida pessoal e coletiva: <ul style="list-style-type: none"> - A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; - A necessidade da salvação e da plenitude humana. - A resposta do ser humano à interpelação do Absoluto. 	Exposição sobre o sentido de ser religioso.	PowerPoint	5 min	- o interesse;
			Chuva de ideias sobre a função da religião na vida pessoal e coletiva.	--	5 min	- a participação;
			Visualização do vídeo “Série Juvenil – Episódio 2”.	Vídeo (https://www.youtube.com/watch?v=SfPXjCP5uLU)	6 min	- a compreensão;
			Diálogo e análise do conteúdo do vídeo.	PowerPoint	5 min	- a participação.

Síntese da aula: O religioso é a resposta ao sentido da vida, procurando responder às perguntas “Quem sou?”, “De onde venho?”, “Para onde vou?”. O religioso ajuda o ser humano a dar sentido à vida e a dar resposta àquilo que a ciência não consegue responder. O ser humano tem capacidade de se relacionar com o Transcendente.

As Religiões

Unidade Letiva 2
7º ano
Educação Moral e Religiosa Católica

Aula 1



Sumário:

Início da Unidade Letiva 2: “As Religiões”.
Exploração do sentido de ser religioso e da sua função na vida pessoal e coletiva.
Visualização e análise do vídeo “Série Juvenil - Episódio 2”.

2

Introdução à Unidade Letiva “As Religiões”



Estudámos:

- Como surgiu o Universo;
- Como surgiu o ser humano;
- A visão cristã: relato bíblico e ciência completam-se.

Vamos estudar:

- A religião pretende dar à humanidade as respostas que a ciência não consegue dar;
- Religiões Abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo, Islão);
- Religiões Orientais (Hinduísmo, Budismo, Confucionismo);
- O lugar da religião na vida das pessoas e como lhe dá sentido.

3

Ser religioso é:



- Criar relação com o Sagrado, o Trancendente;
 - Os cristãos chamam-lhe Deus.
- Necessidade de dar sentido à vida, procurando respostas para as seguintes perguntas:
 - Quem sou?
 - De onde venho?
 - Para onde vou?



4

Ser religioso faz sentido



5

Ser religioso faz sentido



- A resposta às questões:
 - Quem sou?
 - De onde venho?
 - Para onde vou?
- Ajuda a compreender o sentido que devemos tomar para a nossa vida.
- Dá sentido à vida das pessoas!

- Ao longo da história da humanidade compreendemos que por onde passaram pessoas, esteve presente o sentido do religioso.
 - Porque é impossível compreender uma cultura sem vermos como ela foi influenciada pelo sentido religioso.

6

Função da Religião na Vida Pessoal e Coletiva



Função da religião na vida pessoal:

- O ser humano procura resposta para as suas inquietações/problemas;
- O ser humano procura um sentido para a sua existência;
- O ser humano procura esperança no futuro.



7

2.2. Conhecer as religiões através dos símbolos e religiões orientais

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 2

Sumário: Análise de símbolos e construções religiosas. Visualização e análise de imagens de símbolos religiosos. Exploração das Religiões Orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo – realização de um trabalho de pesquisa em grupo.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	3. Identificar várias manifestações religiosas.	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolos, construções e comportamentos religiosos. • A questão do politeísmo e do monoteísmo. • As religiões e a sua relação com a magia, os fenómenos naturais, o desejo de eternidade e a busca da felicidade. • Tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno Computador	10 min	A professora observa nos alunos:
			Visualização e análise de imagens de símbolos e construções de diversas religiões.	PowerPoint	5 min	- a atenção; - a compreensão;
			Leitura e análise do texto “Saber+”.	Manual do Aluno (p. 39)	1 min	- a compreensão;
			Diálogo sobre o porquê de usar símbolos religiosos.	--	2 min	- a participação;
			Análise de imagens de símbolos religiosos.	PowerPoint	5 min	- a atenção; - a compreensão;
			Divisão dos grupos e distribuição do material.	Ficha de Trabalho	2 min	- o interesse;
Elaboração de uma Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho Manual do Aluno	20 min	- o empenho; - a compreensão.			

Síntese da aula: O ser humano produz símbolos e construções para se tornar mais próximo do Sagrado. O religioso não é um ato mágico, mas sim um caminho que o ser humano se sente chamado a fazer em busca da felicidade. As religiões têm como fim ajudar as pessoas a alcançar a felicidade, seja qual for a sua espiritualidade.

As Religiões

Unidade Letiva 2
7º ano
Educação Moral e Religiosa Católica



Aula 2

Sumário:

Análise de símbolos e construções religiosas. Visualização e análise de imagens de símbolos religiosos.

Exploração das Religiões Orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo - realização de um trabalho de pesquisa em grupo.

2

Judaísmo



Lugar de Culto



Sinagoga

Símbolo



Estrela de David

3

Cristianismo



Lugar de Culto



Igreja

Símbolo



Cruz

4

Islão



Lugar de Culto



Mesquita

Símbolo



Hilal ou Crescente

5

Hinduísmo



Lugar de Culto



Templo

Símbolo



Om

6

Budismo



Lugar de Culto



Templo

Símbolo



Roda Dharmica

7

Confucionismo



Lugar de Culto



Templo

Símbolo



Tai Chi

8

Símbolos Religiosos



Religiões Abraâmicas:

• **Estrela de David (Judaísmo):** representa o emblema do escudo do rei David. Os dois triângulos perfeitos sugerem a fé judaica e a sua história.



• **Cruz (Cristianismo):** relembra aos cristãos o próprio Jesus Cristo, que deu a vida por amor à humanidade.



• **Mão de Hamesh (Judaísmo):** amuleto usado contra o mau-olhado.



9

Símbolos Religiosos



Religiões Orientais:

• **Roda da Lei (Budismo):** a haste em cruz representa as 4 verdades; e o conjunto das 8 pontas representam o Óctuplo Caminho ou o Caminho das Oito Vias.



• **Om (Hinduísmo):** representa o Trimurti, ou seja, as suas três divindades (Brama, Vixnu e Xiva).



• **Tai Chi (Confucionismo e outras):** representa as forças *Yin* e *Yang* em movimento e equilíbrio.



10

Ficha de Trabalho de EMRC

7ºano do Ensino Básico

Nome: _____

Nº: _____

Ano: _____

Turma: _____

NOTA

Para responder às questões que se apresentam de seguida, deves consultar o Manual do Aluno, entre as **páginas 45 e 50**. Lê e **responde às questões de forma direta**.

1. Responde às seguintes questões sobre o Hinduísmo (pp. 45 e 46):

1.1 Em que século surge o Hinduísmo? **Segundo milénio a.C.**

1.2 Onde surge? **Índia.**

1.3 Quem são as divindades do *Trimurti*? **Brahma, Vixnu e Xiva.**

1.4 Quais são os principais textos sagrados? **Vedas.**

1.5 Quais são os seus conceitos fundamentais? **Karma, Darma, Samsara, Nirvana.**

1.6 Como se organiza a sociedade hindu? **Castas.**

1.7 Que nome se dá ao símbolo do Hinduísmo? **Om.**



2. Responde às seguintes questões sobre o Budismo (pp. 47 e 48):

2.1 Quando surge o Budismo? **500 a.C.**

2.2 Onde surge? **Índia.**

2.3 Quem fundou o Budismo? **Sidarta Gautama.**

2.4 Quais são as suas crenças? **Reencarnação e Karma.**

2.5 Como se chama o texto fundamental? **Sermão de Benares.**

2.6 Indica os nomes dos constituintes do *Tripitaka*:

Sutra-Pitaka

Vinaya-Pitaka

Abidarma-Pitaka



2.7 Quais são as quatro verdades? **Sufrimento, ambição, negação e caminho.**

2.8 Que nome se dá ao símbolo do Budismo? **Roda da Lei.**

2.9 Indica os oito mandamentos do Ótuplo Caminho:

Compreensão correta

Visão correta

Atenção correta

Pensamento correto

Ação correta

Meditação correta

Fala correta

Trabalho correto

3. Responde às seguintes questões sobre o Confucionismo (pp. 49 e 50):

3.1 Quando surge o Confucionismo? **Século VI a.C.**

3.2 Onde surge? **China.**

3.3 Quem fundou o Confucionismo? **Confúcio (K'ung-fu-tzu).**

3.4 Essencialmente, é uma doutrina: **política e ética.**

3.5 O seu culto dedica-se: **natureza e antepassados.**

3.6 O objetivo desta doutrina é a harmonia de quê? **Vida e mundo.**

3.7 O que considera a base da sociedade? **Família.**

3.8. Qual é o seu princípio fundamental? **Humanidade (jen).**

3.9 Que nome se dá ao símbolo do Confucionismo? **Tai Chi.**

3.10 Indica o nome dos seus cinco livros clássicos:

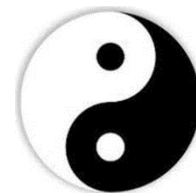
I Ching

Li Ching

Ch'un Ch'iu

Shu Ching

Shih Ching



2.3. Conhecer a história e as tradições do judaísmo

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 3

Sumário: Abraão e o monoteísmo. Judaísmo – realização de um trabalho de pesquisa em grupo.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Abraão e o monoteísmo absoluto. • Judaísmo: <ul style="list-style-type: none"> - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. - A diversidade no contexto da mesma fé. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno	5 min	A professora observa nos alunos:
			Leitura e análise do texto e do esquema «Religiões Abraâmicas».	Manual do Aluno (p. 52)	5 min	- a atenção; - a compreensão;
			Explicação do objetivo da aula e do seu funcionamento, e das regras do trabalho de grupo.	--	3 min	- a atenção;
			Divisão dos grupos e distribuição do material.	Ficha de Trabalho	2 min	- o interesse;
		Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho Manual do Aluno	30 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão.	

Síntese da aula: Abraão é proposto o Pai da Fé das Religiões Monoteístas, pois é através dele que Deus estabelece relação com a humanidade pela primeira vez. É pela experiência primeira de Abraão que surge o Judaísmo, depois o Cristianismo e por fim o Islão. O Judaísmo tem como núcleo central a Torah (Lei) e o dia santo é o Shabat (sábado).

Ficha de Trabalho de EMRC

7ºano do Ensino Básico

Nome: _____

Nº: _____ Ano: _____ Turma: _____

NOTA

Para responder às questões que se apresentam de seguida, deves consultar o Manual do Aluno, entre as **páginas 52 e 61**. Lê e responde às questões.

1. Responde à seguinte questão, assinalando com **X** a resposta correta.

O Judaísmo é o nome dado à religião (p. 53):

- A dos Cristãos.
- B do Povo Judeu.
- C dos Muçulmanos.

2. Dos elementos essenciais da história do Judaísmo, identifica nos «Marcos da História Hebraica», a **data** dos acontecimentos que se referem de seguida (p. 54):

1. Êxodo: Moisés liberta o povo do Egito e condu-lo de regresso a Canaã: **1250 a.C.**
2. O rei David unifica as doze tribos de Israel e faz delas um Império: **1012 a. C.**
3. Destruição do Templo de Jerusalém e início da grande diáspora judaica: **70 d.C.**

3. Indica o nome do **texto sagrado** do Judaísmo (p. 56): **Torah (Lei).**

4. **Transcreve os princípios fundamentais da fé Judaica** (p. 56).

1. **Afirmção da existência de um só Deus (monoteísmo);**
2. **Reconhecimento da presença e revelação de Deus nos acontecimentos da história;**
3. **Fundamentação na Aliança entre Deus e Israel, o povo eleito;**
4. **Esperança na vinda do Messias e na vida eterna.**

5. A Religião Judaica tem por base o calendário lunar, perfazendo um ano de 354 dias. Os judeus contam a sua semana de Sábado a Sábado.

5.1 Por palavras tuas, explica a importância do Sábado na cultura Judaica (p. 59).

O Shabbat é o dia principal do calendário judaico, sendo visto como o sétimo dia da semana, representação da plenitude da Criação e de agradecimento a Deus. É um dia santo e de absoluto repouso, em que os judeus louvam a Deus, sendo proibido exercer qualquer trabalho.

5.2 Explica o significado da Páscoa judaica (p. 59).

- Pessah (Páscoa) – recorda a libertação do Egito e celebra a atualizada Aliança de Deus com o povo.

6. Responde às seguintes questões (p. 60):

6.1 Qual é o nome da cidade onde surgiu o Judaísmo? **Jerusalém.**

6.2 Qual é o nome do espaço de oração dos Judeus? **Sinagoga.**

6.3 Que nome se dá à única parte do Templo de Jerusalém que resistiu à destruição pelos romanos no ano 70 d.C., sendo atualmente o local mais sagrado do Judaísmo? **Muro das Lamentações.**

7. Identifica os seguintes símbolos do Judaísmo (p. 56).



Menorah



Estrela de David

8. Dentro do Judaísmo existem vários grupos, tendo cada um deles uma visão sobre o que devem seguir. Refere o nome de cada um desses grupos (p. 61).

1. **Judaísmo Ortodoxo.**

3. **Judaísmo Conservador.**

2. **Judaísmo Reformista.**

4. **Judaísmo Liberal.**

2.4. Conhecer a história e os costumes do islão

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 4

Sumário: Islão – realização de um trabalho de pares.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Islão: - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno	10 min	A professora observa nos alunos:
			Explicação do objetivo da aula e do seu funcionamento.	--	3 min	- a atenção;
			Organização dos pares e distribuição do material.	Ficha de Trabalho	2 min	- o interesse;
			Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho	25 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão;
			Correção da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho	5 min	- a compreensão.

Síntese da aula: O Islão surgiu em Medina (Arábia Saudita) e tem Maomé como o último e mais importante profeta.

Ficha de Trabalho de EMRC

7ºano do Ensino Básico

Nome: _____

Nº: _____ Ano: _____ Turma: _____

NOTA

Para responder às questões que se apresentam de seguida, deves consultar o Manual do Aluno, entre as **páginas 62 e 67**. Lê e **responde às questões de forma direta**.

1. Responde às seguintes questões (p. 62 e 63):

1.1 Em que século surge o Islão? **VII d.c.**

1.2 De quem são os ensinamentos religiosos professados pelo Islão? **Maomé.**

1.2.1 Onde estão registados esses ensinamentos? **Alcorão.**

1.2.2 De quem é que Maomé recebeu uma revelação divina? **Jibril (anjo Gabriel).**

1.3 Maomé fugiu de Meca para que cidade? **Medina.**

1.4 Em que cidade foi fundado o Islão? **Medina.**

2. Responde às seguintes questões sobre o símbolo do Islão (p. 63):

2.1 Que nome se dá ao símbolo do Islão? **Hilal ou Crescente.**

2.2 O que representa a lua? **Calendário islâmico.**

2.3 O que representa a estrela? **Alá.**



3. Responde às seguintes questões (p. 64):

3.1 Qual é o nome dado a Deus pelo Islão? **Alá.**

3.2 Onde estão registados os ensinamentos de Alá? **Alcorão.**

3.3 Quem transmitiu os ensinamentos de Alá a Maomé? **Anjo Gabriel.**

3.4 Em que ano foi estruturado o Alcorão? **650.**

3.5 Quantas *suras* tem o Alcorão? **114.**

4. Enumera os princípios/crenças fundamentais do Islão (p. 64):

- | | | |
|-----------------|--------------------|-------------------------|
| 1. Alá | 3. Alcorão | 5. Juízo Final |
| 2. Anjos | 4. Profetas | 6. Predestinação |

5. Identifica os pilares do Islão (p. 65):

- | | | |
|---------------------------|------------------|------------------------|
| 1. Profissão de Fé | 3. Esmola | 5. Peregrinação |
| 2. Oração | 4. Jejum | |

6. Responde às seguintes questões com V (verdadeiro) ou F (falso).

F Maomé é o profeta menor do Islão (p. 64).

V Maomé o último e o maior profeta do Islão (p. 64).

V Fazem oração cinco vezes por dia (p. 65).

F O calendário islâmico é solar (p. 66).

F A contagem da era islâmica começou com o nascimento de Cristo (p. 66).

7. Responde às seguintes questões (p. 66):

7.1 Que acontecimento deu início à contagem da era islâmica? **Hégira.**

7.2 Onde se reúne a comunidade do Islão? **Mesquita.**

7.3 Qual é o dia sagrado para o Islão? **Sexta-feira.**

7.4 Quais são as festas mais importantes do Islão?

1. Celebração do fim do **jejum do Ramadão.**
2. Celebração do fim da **peregrinação a Meca.**

7.5 Quais são as três cidades sagradas do Islão? **Meca, Medina e Jerusalém.**

7.6 Quais são as duas divisões do Islão (p. 67)? **Sunitas e Xiitas.**

2.5. Exploração da história e dos costumes do cristianismo

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 5

Sumário: Cristianismo – realização de um trabalho de pares.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	<ul style="list-style-type: none"> • Cristianismo: - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades” santas e locais de culto. - A diversidade no contexto da mesma fé. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno	10 min	A professora observa nos alunos:
			Explicação do objetivo da aula e do seu funcionamento.	--	3 min	- a atenção;
			Organização dos pares e distribuição do material.	Ficha de Trabalho	2 min	- o interesse;
			Elaboração da Ficha de Trabalho.	Ficha de Trabalho	25 min	- a participação; - o empenho; - a compreensão;
			Síntese das aprendizagens adquiridas na elaboração da Ficha de Trabalho.	--	5 min	- a compreensão.

Síntese da aula: O Cristianismo tem como centro a ressurreição de Jesus Cristo e o seu mandamento de amor.

Ficha de Trabalho de EMRC

7ºano do Ensino Básico

Nome: _____

Nº: _____ Ano: _____ Turma: _____

NOTA

Para responder às questões que se apresentam de seguida, deves consultar o Manual do Aluno, entre as **páginas 69 e 79**. Lê e **responde às questões de forma direta**.

1. Responde às seguintes questões (pp. 69 e 70):

1.1 O Cristianismo é a religião daqueles que acreditam que Jesus de Nazaré é: **o Filho de Deus e o Messias prometido**.

1.2 Qual foi a boa notícia que Jesus veio anunciar? **Salvação**.

1.3 O que significa o nome *Jesus*? **Deus salva**.

1.4 Em quem é que Deus encarnou? **Maria de Nazaré**.

1.5 Que nome chama a Bíblia a Jesus? **Emanuel**.

1.5.1 O que significa esse nome? **Deus conosco**.

1.6 Onde nasceu Jesus? **Belém**.

1.7 Quem batizou Jesus? **João Baptista**.

1.8 Como morreu Jesus? **Crucificado**.

1.8.1 O que sucedeu três dias depois da sua morte? **Ressurreição**.

1.9 Qual é a marca de Jesus e dos cristãos (p. 70)? **Amor**.

1.10 O que significa a palavra Evangelho (p. 70)? **Boa notícia / Boa nova**.

2. Enumera os autores a quem são atribuídos os Evangelhos (narrativas) sobre Jesus (p. 70):

1. **S. Mateus**

3. **S. Lucas**

2. **S. Marcos**

4. **S. João**

3. Responde às seguintes questões com V (verdadeiro) ou F (falso).

F Os Evangelhos são biografias de Jesus (p. 70).

V Os Evangelhos são as principais fontes escritas sobre Jesus (p. 70).

V Os primeiros cristãos reconheciam-se entre si pelo sinal do peixe (p. 72).

V A palavra grega “ictus” (peixe) é a sigla de Jesus Cristo Filho de Deus Salvador (p. 72).

4. Colocando o número, faz corresponder o acontecimento à sua descrição (p. 73):

1. Édito de Milão	2 Assinado em 380 pelo Imperador Teodósio I, tornou o Cristianismo na única religião oficial do Império Romano.
2. Édito de Tessalónica	3 Em 476, com a invasão dos povos “bárbaros”, a Igreja assumiu o papel de liderança espiritual e política.
3. Fim do Império Romano do Ocidente	1 Assinado em 313 pelo Imperador Constantino, tornou o Cristianismo numa das religiões oficiais do Império Romano.

5. Responde às seguintes questões:

5.1 Para os cristãos, o que significa a cruz (p. 75)? **Vitória de Jesus sobre a morte.**

5.2 Qual é o livro sagrado dos cristãos (p. 75)? **Bíblia.**

5.2.1 Quantos livros tem a Bíblia (p. 75)? **73.**

5.2.2 Quantos livros tem o Antigo Testamento (p. 75)? **46.**

5.2.3 Quantos livros tem o Novo Testamento (p. 75)? **27.**

5.3 O Concílio de Niceia (325) sistematizou os princípios básicos da fé cristã numa oração.

Qual (p. 76)? **Símbolo dos Apóstolos / Credo.**

5.4 O domingo é o dia dos cristãos se reunirem na Missa/Eucaristia. O que significa a palavra “domingo” (p. 76)? **Dies Domini / Dia do Senhor.**

5.5 Que nome se dá ao calendário religioso dos cristãos (p. 76)? **Ano Litúrgico.**

5.5.1 Divide-se em dois ciclos. Quais (p. 76)? **Natal e Páscoa.**

5.6 Quais são os três ramos do Cristianismo (p. 79)? **Católicos, Ortodoxos e Protestantes.**

2.6. Exploração da mensagem cristã através de textos bíblicos

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 6

Sumário: Leitura e análise de textos bíblicos sobre o Deus de Jesus Cristo – realização de um trabalho de pares.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	5.Reconhecer a mensagem essencial do cristianismo através da interpretação de textos bíblicos.	<ul style="list-style-type: none"> • O Deus de Jesus Cristo: - Pai: Mc 14, 36; Lc 11, 2-4; - Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom: Rm 3, 25-26. 29-30; Lc 23, 34; - Deus que ama todo o ser humano de forma incondicional: Lc 7,36-50. 	Acolhimento, Sumário e Síntese da Aula Anterior.	Caderno do aluno	10 min	A professora observa nos alunos:
			Exposição sobre a centralidade da mensagem de Jesus Cristo para o Cristianismo.	--	2 min	- a atenção;
			Explicação do trabalho, organização dos pares e distribuição do material.	Ficha de Trabalho	1 min	- a atenção;
			Elaboração da ficha de trabalho	Ficha de Trabalho	15 min	- a participação;
			Partilha e correção do trabalho a pares sobre os textos bíblicos. Registo das ideias.	Quadro	10 min	- a compreensão;
			Visualização do vídeo «O Sermão da Montanha: A Lei Maior».	Vídeo (https://www.youtube.com/watch?v=HvemvklOI4w)	3 min	- a atenção;
Síntese das ideias chave dos textos bíblicos.	--	2 min	- a atenção.			

Síntese da aula: O Deus apresentado por Jesus Cristo é Pai, salvação, misericórdia e amor.

Ficha de Trabalho de EMRC

7ºano do Ensino Básico

Nome: _____

Nº: _____

Ano: _____

Turma: _____

NOTA

Para responder às questões que se apresentam de seguida, deves consultar o Manual do Aluno, entre as **páginas 81 e 83**. Lê e **responde às questões de forma direta**.

1. Responde às seguintes questões, assinalando **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) (p. 81).

F Para Jesus existem vários deuses.

V Jesus assume Deus como único.

V Jesus chama a Deus de *Abbá* (papá).

F Deus é só para os bons.

V Deus é o Pai Universal.

V Deus é para todos, bons e maus.

2. Responde às seguintes questões de forma direta.

2.1 Refere três características que demonstrem que Deus é claramente bom (p. 81).

Salva; Misericordioso; Perdoa; Ama; Respeita a liberdade individual.

2.2 Lê os dois textos integrados no título «Os teus pecados estão perdoados» (p. 82).

2.2.1 Lê o primeiro texto e apresenta as duas palavras-chave que resumem as ideias deste episódio da Bíblia. **perdão; salvação.**

2.2.2 Lê o segundo texto e apresenta as três palavras-chave que resumem as ideias deste episódio da Bíblia. **Perdão; justiça; um Deus para todos.**

2.3 Qual é o principal mandamento dos cristãos (p. 83)?

Amar a Deus e as outras pessoas como a nós próprios.

2.4 Qual é a perspectiva de Jesus sobre Deus (p. 83)?

Próximo (dos excluídos, dos fracos, dos pobres, dos que não conhecem a Lei); que quer fazer história com a humanidade (caminhando ao lado de cada pessoa); amor; misericórdia; confiança.

2.5 Pela forma como Jesus entende ser Deus, o que quis que cada pessoa assumisse na sua vida (p. 83)? **Amar o próximo, sendo dom para os outros.**

2.6 Lê o texto intitulado «Pai Nosso» (p. 83) e refere quais são os pedidos feitos a Deus.

Perdão; dádiva.

3. Concluídas as tarefas anteriores, em poucas palavras, resume como é o Deus apresentado por Jesus.

Amor, próximo, misericordioso, justo, salvador, universal...

2.7. Exploração do papel das religiões na construção da paz universal

Nível 7 Unidade Letiva 2 – «As Religiões»

Lição da UL 7

Sumário: Exploração dos princípios éticos comuns às várias religiões e dos objetivos do diálogo inter-religioso. Construção de um cordão pela tolerância religiosa.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação formativa
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> • Todos temos origem em Deus; a fraternidade universal. • O diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum. • Atitudes no diálogo inter-religioso. • Máximas elementares da humanidade, e comuns às grandes tradições religiosas. • O relativismo e o fundamentalismo religioso: dois extremos a recusar. • O conhecimento sobre as tradições religiosas cria as condições necessárias para a tomada de posição pessoal e o diálogo. 	Acolhimento, Sumário	Caderno do aluno	5 min	A professora observa nos alunos:
			Exposição sobre a igualdade do ser humano e a fraternidade.	PowerPoint	5 min	- a atenção;
			Leitura e análise do texto «A Igreja e as religiões não cristãs».	Manual do Aluno, p. 85	5 min	- a compreensão;
			Análise do esquema «Atitudes no diálogo inter-religioso».	Manual do Aluno, p. 84	2 min	- a compreensão;
			Chuva de ideias sobre os valores comuns às grandes tradições religiosas.	--	3 min	- a participação;
			Síntese dos valores em comum.	Manual do Aluno, p. 86	2 min	- a compreensão;
			Explicação e análise dos termos relativismo, fanatismo e fundamentalismo religioso, e suas consequências.	PowerPoint	5 min	- a compreensão;
			Exploração da frase «É mais o que nos une do que o que nos divide».	PowerPoint	2 min	- a compreensão;
Construção de um cordão com os valores/atitudes a adotar, como contributo para a tolerância religiosa.	Tiras de cartolina (1 por aluno) Agrafador/agrafos	13 min	- a participação; - a reflexão;			
Síntese das aprendizagens da Unidade Letiva.	--	3 min	- a compreensão.			

Síntese da aula: As religiões têm como objetivo tornar o mundo melhor: um lugar onde todos possam viver em paz e harmonia.

As Religiões

Unidade Letiva 2
7º ano
Educação Moral e Religiosa Católica

Aula 7



Sumário:

Exploração dos princípios éticos comuns às várias religiões e dos objetivos do diálogo inter-religioso.

Construção de um cordão pela tolerância religiosa.

2

Fraternidade



As religiões abraâmicas têm nomes diferentes para Deus, mas o deus é o mesmo:

- Yavéh (Judaísmo)
- Deus (Cristianismo)
- Alá (Islão)

Estas religiões consideram que em Deus somos iguais, pois foi Ele quem nos criou.

• Se temos todos a mesma origem, significa que somos todos iguais e que temos os mesmos direitos, e que por isso devemos viver em **fraternidade**.

- Vem do latim *frater*, que significa irmão.
- Fraternidade = viver como irmãos

As religiões têm em comum querer transformar o mundo, tornando-o num lugar melhor.

3

Oposição à Fraternidade



Extremos a Evitar

Relativismo

Relativo; que não é absoluto.

Fanatismo

Intolerância para com todos os que pensam diferente.

Fundamentalismo

Radicalismo; rejeição do diálogo e até imposição aos demais.

4

«É mais o que nos une do
que o que nos divide.»
(Antoine de Saint Exupéry)

5

Conclusão

A realização da PES permitiu-me uma apropriação metódica e crítica dos processos de preparação das aulas, tornando-me mais independente do manual do aluno, incidindo mais no programa da disciplina. O facto de, no ano da PES, ter usado o novo programa de EMRC, mas ter como apoio os livros anteriores – porque ainda não haviam sido publicados os manuais conforme o novo programa –, proporcionou-me novas aprendizagens, pois tive de criar materiais e explorar conteúdos que não estavam à disposição dos alunos.

A PES, conforme referi, permitiu-me experienciar e inovar algumas formas de preparar e de desenvolver as aulas, tendo o apoio do Professor Cooperante e da colega que realizou comigo este percurso. Esta experiência foi muito importante, fazendo com que começasse a aplicar diferentes metodologias em sala de aula, nomeadamente, a aprendizagem cooperativa. Para além disso, fez-me sentir a necessidade de avaliar o trabalho planificado e realizado de forma regular, com vista a melhorar a preparação e a concretização das aulas.

No decorrer da PES, verificou-se que um grupo significativo de alunos possuía um nível baixo de literacia religiosa, resultante de itinerários difusos ou descontinuidades nos processos de transmissão religiosa. As experiências didáticas apresentadas permitiram compreender o lugar de EMRC no desenvolvimento da literacia religiosa, tendo como objetivo a formação integral dos mesmos. Esta constatação conduziu-me ao estudo das mudanças que se têm operado, nas últimas décadas, em vários contextos sociais, quanto aos processos de transmissão da fé.

De modo a familiarizar os alunos com o fenómeno religioso, a disciplina de EMRC tem a possibilidade de, num diálogo aberto, ajudá-los a compreender o que é a religião, qual o seu objetivo e qual o sentido para as suas vidas. Além disso, tendo por base a Unidade Letiva analisada, bem como a Unidade Letiva do Ensino Secundário, «A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo», aprofundam-se não só os conteúdos relativos ao Catolicismo, mas também de outras confissões religiosas e de outras religiões e espiritualidades. Pelo facto de demonstrar e de perscrutar a diversidade religiosa, colabora também na formação para a tolerância, uma vez que começam a conhecer outras realidades e a obter respostas a algumas questões que poderiam levar à aquisição de preconceitos perante diferentes experiências religiosas. Iniciar este diálogo de forma aberta propicia uma maior predisposição, por parte dos alunos, para a escuta e para a exploração desta tipologia de conteúdos.

Demonstrando que a disciplina apresenta alguma diversidade no estudo das religiões e das espiritualidades, auxilia na compreensão da religião como parte da esfera pública, não se cingindo à esfera privada, podendo ser falada e debatida em vários contextos, desde que exista compreensão e respeito por parte de todos os intervenientes. Abordar esta diversidade em EMRC, não só instrui para a diferença, como incentiva os alunos para a mesma, percebendo a abertura da disciplina à diversidade e ao mundo que a rodeia.

Face ao exposto, mesmo que um jovem não professe uma religião, o ensino religioso escolar é uma mais-valia, contribuindo não só para o conhecimento de uma religião e dos seus costumes, mas também para a tolerância religiosa. Assim, a EMRC também ajuda a escola a cumprir o dever de formar os alunos integralmente, uma vez que a dimensão religiosa e espiritual são parte integrante do ser humano e da sua vida. «A pessoa humana é estruturalmente dotada duma abertura a Deus. Pode ter consciência de que ela existe em si ou não. É livre de

viver de acordo com ela ou não. Mas a ignorância ou a recusa dessa abertura não significa que ela não exista»¹⁰³.

Observando a reflexão realizada, com base no apuramento e no aprofundamento das questões emergentes, relativas à escassa literacia religiosa, considera-se que, para a lecionação do elevado número de conteúdos da Unidade Letiva 2 do 7º ano, *As Religiões*, e atendendo à sua complexidade, torna-se benéfico investir na aplicação de instrumentos baseados na aprendizagem cooperativa. Esta minimiza o tempo de exposição de conteúdos por parte do docente, implicando os alunos na aquisição dos seus conhecimentos, utilizando como meios a pesquisa e o trabalho individual e de grupos. Este método permite avaliar a compreensão do discente sobre os temas, revelando as suas fragilidades, possibilitando a realização de um trabalho de maior proximidade com cada aluno. Pessoalmente, considero que a aprendizagem cooperativa proporciona o envolvimento e a dedicação às tarefas propostas, adquirindo maior autonomia e esforçando-se por expressar o seu entendimento sobre os conteúdos estudados.

¹⁰³ TERRA, Domingos – *A Gramática da Fé Cristã*, p. 56.

Bibliografia

1. Fontes e Documentos

Documentos Pontifícios

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Amoris laetitia*.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Christus vivit*.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

Vaticano II

CONCÍLIO VATICANO II – *Constituição Pastoral «Gaudium et Spes» sobre a Igreja no Mundo Atual*. Roma: 7 de dezembro de 1965.

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm

Secretariado Nacional da Educação Cristã

AAVV – *Desafios 7º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.

AAVV – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

AAVV – *Quero Saber! 7º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

2. Estudos e Ensaios

AHERN, Kevin – «De espectadores a protagonistas. Movimientos juveniles en una Iglesia global». *Concilium*, nº360 (2015), pp. 211-226.

ARENDS, Richard I. – *Aprender a Ensinar*. Madrid: McGraw Hill, 2008.

BORGES, Anselmo – «Introdução: Deus ainda tem futuro?». *Deus Ainda Tem Futuro?*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2014, pp. 15-19.

DUQUE, Eduardo – *Mudanças Culturais, Mudanças Religiosas: Perfis de tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2014.

HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.

KUZMA, Cesar – «Iglesia, esperanza y juventud. Espacio para la osadía en la intención de un joven teólogo. *Concilium*, nº360 (2015), pp. 249-262.

LEFEBVRE, Solange – «Juventud y Fe Cristiana. ¿Hacia una dinámica de coeducación intergeneracional en la Iglesia católica?». *Concilium*, nº360 (2015), pp. 195-210.

MATTEO, Armando – *A Primeira Geração Incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

MATTEO, Armando – «La primera generación incrédula: millennials y fe». *Concilium*, nº360 (2015), pp. 309-320.

MONTEIRO, Teresa Líbano – «Dinâmica Social e religião». *Identidades Religiosas em Portugal. Ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2012, pp. 69-129.

TEIXEIRA, Alfredo – *Identidades religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas. Relatório apresentado na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, Fátima 16 a 19 de abril de 2012*. Lisboa: Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa, 2012.

https://www.academia.edu/36439323/IDENTIDADES_RELIGIOSAS_EM_PORTUGAL_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_VALORES_E_PR%C3%81TICAS_2012

TEIXEIRA, Alfredo (coord.) – *Identidades Religiosas na Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

TEIXEIRA, Alfredo – *Religião na Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.

TERRA, Domingos – *A Gramática da Fé Cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015.

WILLAIME, Jean-Paul – «As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea». *Deus Ainda Tem Futuro?* Lisboa: Gradiva Publicações, 2014, pp. 21-51.